EXPOSIÇÃO
DA
MISSÃO ARTISTICA FRANCESA DE 1816

D. João VI — Debret

NOVEMBRO - DEZEMBRO — 1940

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

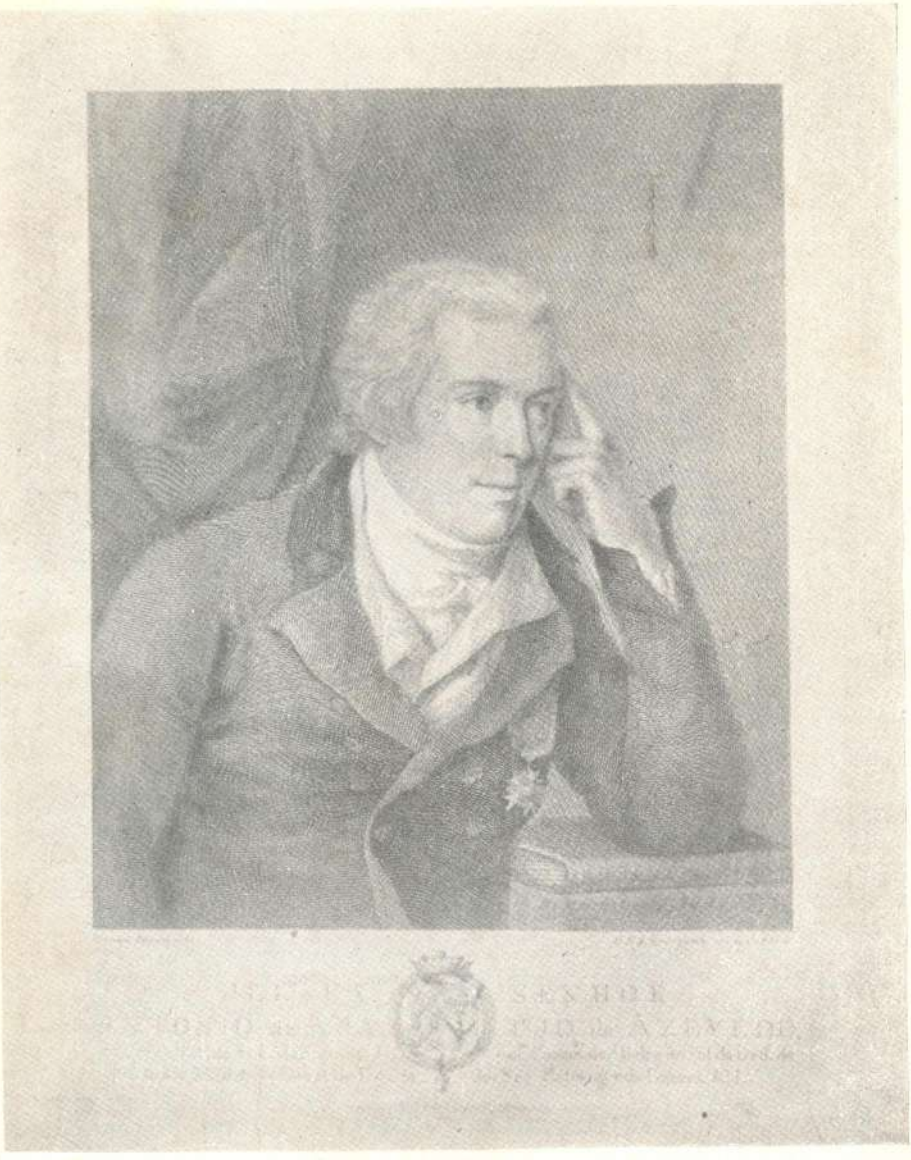
Ministério da Educação e Saúde

Sob os auspicios da "Sociedade dos amigos do Rio de Janeiro"

Apresentando na capa do presente catalogo o retrato de D. João VI, reprodução da aquarela original de Jean Baptiste Debret (da coleção Dr. Raymundo de Castro Maya) o Museu Nacional de Belas Artes presta uma justa homenagem a esse Monarca que apoiando inteiramente a idéa da vinda da Missão Artistica Francesa ao Brasil em 1816, determinou todos os átos necessarios a que ela se tornasse realidade.

Igualmente figura como homenageado o Conde da Barca (Antonio de Araújo e Azevedo) a quem devemos a iniciativa da vinda dessa Missão ao Brasil.

608330
C
708.981074
M986e
1940
1891/13
08/05/13



Retrato de Antonio de Araujo Azevedo, Conde da Barca" — (Gravura de G. D. de Queiroz, segundo Domenico Pelegrini

INTRODUÇÃO

A exposição da "Missão artística francesa de 1816" e de algumas obras trazidas para o Brasil por Lebreton e que ora se realiza no Musêu Nacional de Belas Artes, sob minha direção e os auspícios da "Sociedade Amigos do Rio de Janeiro", vem contribuir de maneira admirável não só no sentido de melhor esclarecer o valioso auxílio trazido pela referida Missão ao ensino artístico entre nós, como tambem revelar ao público, quadros que para aqui vieram com a finalidade de ser criada a Pinacotéca da "Imperial Academia de Belas Artes".

O M. D. Sr. Presidente da República, Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas e o Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, M. D. Ministro da Educação e Saúde, veem de há muito apoiando e dando recursos necessários às realizações do Museu.

As artes plásticas no Brasil teem tido do Governo o maior incentivo e essa exposição que hoje se inaugura deve ainda a maior gratidão às instituições públicas: Bibliotéca Nacional, Escola Nacional de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Liceu de Artes e Ofícios, Museu Imperial de Petrópolis e à magnifica colaboração da Exma. Sra. D. Laurinda Santos Lobo; Exmo. Sr. Dr. Djalma da Fonseca Hermes; Exmo. Sr. Marques dos Santos; M. D. Família Ferrez, Exmo. Sr. Dr. Augusto de Lima Junior, Exmo. Sr. Dr. Carlos Guinle e ao Exmo. Sr. Dr. Raymundo de Castro Maya que, igualmente dotado de ardoroso patriotismo, como as pessôas precedentes, adquiriu por indicação do antiquario brasileiro, Exmo. Sr. Roberto Heymann, os valiosos originais de Debret.

O gesto magnifico do ilustre colecionador patrício é altamente significativo e muito honroso para nós, pois assim temos conôsco um patrimonio estético muito útil não só para as artes como para a História.

Jean Baptiste Debret é, sem dúvida, o maior cronista da vida colonial brasileira.

Sem êle, não teriamos uma documentação tão sólida, tão abundante e verdadeira do meio social brasileiro e da paizagem humana da época. Os seus estudos, os seus quadros e desenhos revelam uma terra dum pitoresco, dum motivo pictural e sociológico imenso e onde os historiadores e artistas muito teem que aprender, porque Debret, a-par-da técnica que é cheia de encanto e interesse, êle prende ainda pela novidade, pela curiosidade dos temas tratados.

O índio, o negro e o branco teem em sua obra caracteres bem determinados.

As suas existências são bem definidas, bem destacadas.

Os pesquisadores podem assim facilmente avaliar e melhor estudar os usos e costumes do Brasil Colonial, da terra bôa e generosa que madrugava para a civilisação.

A visão européia de Debret extasiou-se no Novo-Mundo e deslumbrou-se ante o panorama vastissimo de motivos inteiramente inéditos para os seus olhos de gaulês requintado do fausto da maravilhosa Lutécia.

As florestas, o mar, o céu, os homens e os animais eram para Debret um universo novo e estranho, encantador e original.

O resultado dêsse feitiço, dêsse sortilégio magnifico sôbre o espírito dêsse francês, que saboreou gostosamente os frutos tropicais que o sólo fértil e fecundo lhe oferecia, é o seu livro: "Voyage pitoresque et historique au Brésil".

E' um atestado eloquente do quanto o nosso País lhe inspirou, nutrindo de seiva nova a sua arte.

Estou certo que Debret sem o Brasil não seria tão grande e tão curioso, na sua obra.

Visto sob o ponto de vista brasileiro é o membro da Missão que mais interêsse desperta, porque mais que os outros componentes, foi êle por certo o grande desbravador, o verdadeiro bandeirante da Missão, o deslumbrado pelas nossas coisas, o que viu com olhos mais patrícios, mais aparentados com o nosso berço e de sua obra desprende-se o cheiro das raízes e flôres, o suor do lidar escravo do negro, o perfume da nobreza.

O índio aí aparece bravo, rude e selvagem, decorado pela graça marajoara de penas multicôres que dançam e combatem dentro da alegria barbara de vencer o seu irmão da selva que surge tambem de arco, frecha e lança, montado num corcel que galopa aureolado de passaros e sol!

Dos participantes da Missão os que possuiam, realmente, maior saber e técnica eram de facto, os Taunay, que nos legaram um acêrvo artístico muito valioso e expressivo.

Conhecedores profundos do desenho e da côr, muito produziram e sempre de maneira admirável.

Não é magnifica e verdadeiramente surpreendente a pequena téla "Theatre de la folie" ?

Não faz pensar em toda a comédia italiana, em que salta e vibra a vivacidade arlequinesca do espírito setecentesco de Goldoni e a coloração de Tiepolo?

Outros trabalhos, muitas outras produções dessa admirável e ilustre família, digna por todos os títulos, teriamos que mencionar, mas não nos furtamos à satisfação de aqui lembrar essa joia que é a "Dança das ninfas", tão rica de colorido, tão nobre de composição e tão bem emoldurada de espírito e que honraria qualquer grande nome da história das Artes.

E' uma verdadeira obra prima.

Aí está plasmado o bom gôsto francês aliado à inspiração do gênio ateniense.

Com os Taunay podemos facilmente compreender o poder civilisador que sempre exerceu a França entre os povos.

Êsse País pela sua posição entre quatro grandes nações do Ocidente, teve sempre que lutar e assim melhor formar a sua alma guerreira, porém feita para a paz.

A êsses gauleses moldados para a eternidade vieram juntar-se, por ondas sucessivas, os Fenícios e os gregos, latinos da conquista romana, serracenos das Áfricas, germanos e normandos das invasões. De todas essas lutas a França gloriosa forjou uma raça harmoniosa, de energia e enthusiasmo !

Para estudarmos a Missão e sua obra, teriamos por certo que, analisar as suas origens, quer do estilo de seus artistas como das influências que receberam, mas seria longa a pesquisa.

Basta lembrar o dizer de um erudito : "La France est le creuset où s'unissent et se fondent les aports étrangers".

Não existe por acaso em algumas télas de Nicolas Antoine Taunay uma inspiração holandesa?

Creio que sim. Basta atentar para o colorido da indumentária e a maneira de realizar o quadro: "Louis XIV e La Vallière".

E aquela outra téla também de um Taunay em que, numa paizagem esplêndida, um pastor ou Apolo tóca flauta e, ao fundo, aparecem bois de um realismo tão vigoroso que faz lembrar Potter ou Cuyp — não existe nela, de facto, uma influência do estilo holandês? Evidentemente que sim.

Porém o espírito francês empresta às suas conquistas, no dominio da cultura, uma belesa nova, uma forma radiosa e tão encantadora que diriamos de todo original.

Neste turbilhão de influências as mais diversas, o gênio francês — montanha imensa — vive banhado de luminosidade e de roldão com todos os ventos, tornando o ar, a atmosfera mais puros, mais respiráveis e os horizontes mais claros, mais límpidos.

O seu "élan" criador nada cede ao que assimila.

No tronco da velha árvore celtica há sempre uma primavera de flôres e de mocidade.

A raça não envelhece.

Da agonia da arte antiga, depois do ensaio da arte românica que tenta cristianizar as formas clássicas, sob a direção dos Beneditinos de Cluny, surge no século XII, uma arte nova e como a imagem milagrosa de seu povo eleva-se como se fôsse uma oração divina para o céu: E' o gótico maravilhoso das frechas agúdas, finas e sútis, das ogivas que são mãos postas rezando para o Senhor...

As catedrais rivalizam com "Partenon".

E' a nova éra em face da éra antiga.

O clássico de Atenas transfigura-se em sonho, em fé, em misticismo.

E' a vitória de Jesus sôbre Jupiter Olimpico.

Depois vem a Renascença que destróe o gótico.

O Platonismo dos Médicis invade Florença.

E' o triunfo da cidade do lirio-vermelho, que com sua elegância nervosa e requintada brilha em Tornabuoni e nos punhais de Cellini; em Veneza com sua eterna mascarada de côres; em Roma com sua augusta grandeza.

Porém volta de novo a França a encontrar-se, porque o parentesco latino é muito próximo e ela faz com que ressurja o seu atavismo galo-romano.

Aparece então um estilo clássico bem determinado com Louis XIII, mais opulento ainda com Louis XIV, onde, a-par-da riqueza, existe uma acentuada sobriedade, bom gôsto e penetrante emoção.

A Europa conhece a graça, a sensibilidade e uma maneira de viver em belesa com Louis XV e Watteau, com a mesma serenidade dos tempos de S. Louis e Robert de Luzarches...

Esta largueza de vistas é bôa compreensão, esta fôrça de reação é, ao mesmo tempo, de assimilação, são verdadeiramente prodigiosas na História das artes e dos povos.

As influências externas não servem senão para melhor nutrir a alma francesa, tão generosa que tem em toda ela a humanidade inteira!

A Missão Artistica francesa de 1816 veiu, sem dúvida alguma, a organizar melhor o nosso ensino e lançar aqui as mais sólidas bases.

A maneira como foi escolhida e a composição de seus elementos dão aos seus dignos dirigentes os melhores títulos de inteligência, pois como sabemos, junto aos nomes ilustres de Taunay, Debret, Montigny, Pradier e os irmãos Ferrez, estão artífices de alto valor e utilidade para o nosso meio, tais como curtidores, serralheiros, carpinteiros, peritos em construção naval, etc..

Parece que a Missão queria reviver aqui o espírito medieval da organização do trabalho, criando as antigas corporações, como na época gloriosa das construções de Catedrais que com elas surgiam cidades como si fossem jardins florindo na pedra e em tôrno da grande e magestosa casa de Deus.

Com a Missão que veiu para o nosso País, podemos verificar claramente que o espírito civilizador da França, o sadio labôr de seu gênio e a luz triunfal de sua paz caminham eternamente porque: "Ses pas sont dans tous les chemins..."

OSWALDO TEIXEIRA
Diretor do Musêu Nacional de Belas Artes

HISTÓRICO

A vinda da Missão artistica francesa ao Brasil, em 1816, pode ser considerada o maior e mais importante acontecimento de nossa história artística.

Elevado o Brasil à séde da Monarquia Portuguesa verificou-se um enorme surto de progresso, o qual não deixou, não podia deixar de atingir as artes, reflexo verdadeiro de uma civilização.

A côrte de D. João VI, provinda de uma sociedade muito mais culta e adiantada procurava mostrar-se conhecedora e apreciadora de arte; mandava-se retratar e decorar suas habitações. Para esses trabalhos eram aproveitados os artistas coloniais brasileiros, esforçados auto-didatas, que não tinham onde buscar os ensinamentos necessarios à perfeita eclosão de seus talentos. D. João VI amava as belas artes, o que lhe valeu o pomposo titulo de "Rex fidelissimus artium amantissimus" e a esse pendor artístico, aliás peculiar à familia Bragança, devemos o incondicional apoio por êle dado aos consêlhos de Antonio de Araujo e Azevedo, Conde da Barca, homem superior, dotado de inteligência e cultura, de mandar buscar à França uma missão artistica e criar uma escola onde fôsse ministrado o ensino das belas artes.

Tôda latinidade estava então sob a influência espiritual da França. Paris podia ser considerada a capital das artes; assim sendo, era o local indicado para se organizar essa missão.

Isto ficou afinal resolvido, e em fins de 1815 foi incumbido o então encarregado dos negócios de Portugal em França, o Marquês de Marialva, de contratar um grupo de artistas capazes de serem os mestres das vocações que surgiam até então desamparadas nesta novissima parte do novo mundo. O Marquês de Marialva, não desmentindo sua tática de fino diplomata, recorreu a Humboldt e desempenhou-se com muito

critério da incumbência, mandando ao Brasil um grupo de artistas competentes.

Para chefiar essa Missão foi escolhido o nome de Joaquim Lebreton (1760-1819) o qual conseguiu reunir um grupo seléto de artistas, quasi todos, como êle próprio, descontentes com a situação penosa em sua pátria, depois da quéda de Napoleão.

Nascido na Bretanha em 7 de Abril de 1760, Lebreton dedicou-se desde muito joven ao estudo das belas artes, tornando-se um grande conhecedor nesse assunto, tendo sido Chefe da Secção de Museus, Conservatório e Bibliotécas do Ministério do Interior, mais tarde Diretor da Secção de Belas Artes dêsse mesmo Ministério, incumbido de representar o Govêrno junto à Administração do Museu do Louvre. Foi tambem membro e Secretário Perpétuo do Instituto de França, vindo a falecer no Rio de Janeiro a 9 de Junho de 1819.

A Missão ficou, pois, assim constituida:

Pintor de paizagem: Nicolas Antoine Taunay (1755-1830). *Pintor histórico*: Jean Baptiste Debret (1768-1848). *Arquitéto*: Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850). *Escultor*: Auguste Marie Taunay (1768-1824). *Gravador*: Charles Simon Pradier (1786-1848). Como Secretário da Missão veio Pierre Dillon e como Professor de Mecânica François Ovide. Ainda como Artifices vieram: François Bonrepos (Ajudante de Auguste Taunay), Charles Louis Levavasseur e Louis Simphorien Meunié (Auxiliares de Grandjean de Montigny). Faziam também parte da Missão os mestres de ofícios: Nicolas Magliori Enout, serralheiro; Jean Baptiste Level, mestre ferreiro e perito em construção naval; Pilite, surrador de péles e curtidor; Fabre, curtidor; Louis Joseph Roy e seu filho Hippolyte, carpinteiros e fabricantes de carros e outros de menor importancia. Posteriormente vieram ao Brasil incorporar-se a essa Missão os irmãos Marc e Zepherino Ferrez, o primeiro escultor, o segundo gravador.

Reunidos todos êsses elementos, tão criteriosamente escolhidos para organização de uma verdadeira missão artística, embarcaram os franceses chefiados por Lebreton no pequeno brigue americano Calpe, de tres mastros, que partiu do Havre a 22 de Janeiro de 1816. Para essa viagem dera o Marquês de Marialva a Lebreton uma ajuda de custo de dez mil francos.

E' interessante salientarmos o fáto de não haver Lebreton cuidado apenas de trazer artistas — futuros mestres dos brasileiros e sim tambem uma coleção de cincoenta e quatro quadros, que pretendia vender ao govêrno português para início da pinacotéca da futura Academia, na qual figuravam télas

de Lesseur, Lebrun, Jouvenet, Poussin, Canaletto, Carlo Dolci, Guercino, Maratti, Sebastião Bourdon, etc., bem como cópias de alguns dos mais celebres quadros italianos. Lebreton não conseguiu formar a Pinacotéca projetada. Essa mais tarde foi organizada e ainda hoje o Museu Nacional de Belas Artes possue alguns dos quadros que êle nos trouxe com a sua larga visão de estéta, de homem que de há muito trabalhava nos mais reputados meios artísticos-culturais, como o Instituto de França e o Museu do Louvre.

Chegou a Missão Artística Francesa ao Rio a 25 de março de 1816, depois de longa viagem. Dias após foram os artistas apresentados pelo Conde da Barca a D. João VI que lhes deu amistoso acolhimento e determinou logo providências para que fôsse organizado o ensino artístico no Brasil.

Por decréto de 12 de Agôsto de 1816 foi pois criada uma "Escola Real de Ciências, Artes e Oficios", de cujo corpo docente faziam parte os artistas franceses, contratados pelo prazo de seis anos, cabendo sua direção ao chefe da Missão, Joaquim Lebreton.

O projéto do futuro palácio da Imperial Academia de Belas Artes foi imediatamente encomendado ao arquitéto Montigny, que apresentou o plano ao Rei, e, tendo êste agradado plenamente foi logo iniciada a construção sob a orientação do Ministro da Fazenda, o Barão de São Lourenço.

Para ornamentação da cidade por ocasião das festas da aclamação de D. João VI como rei de Portugal, Brasil e Algarves, em Fevereiro de 1818, tiveram os artistas franceses oportunidade de demonstrar suas aptidões, executando grande número de trabalhos.

Mas com a morte do Conde da Barca, ocorrida no ano anterior perde a missão francesa o seu grande protetor, o homem que planejára organizar o ensino das belas artes no Brasil. Isto vem retardar e perturbar todo o plano traçado.

Lebreton porém age, procurando interessar as autoridades pela Academia, o que não consegue. Desanimado recolhe-se à sua casa no Flamengo, sob o pretexto da execução de uma obra literária. Aí, pouco depois, a 9 de Junho de 1819, veio a falecer, sem conseguir realizar nenhum dos projétos que o trouxeram ao Brasil: organizar o ensino das belas artes e formar uma pinacotéca.

Assim, a Academia criada, mas que realmente ainda não existia, estava sem direção. Não se tomava nenhuma providência com relação à sua organização, pois o país atravessava então difícil situação política. Mas, por interferência de Francisco Bento Maria Targini, Barão e mais tarde Visconde de

S. Lourenço, substituto do Conde da Barca, foi lavrado a 12 de Outubro de 1820 novo decréto estabelecendo uma "Real Academia de desenho, pintura, escultura e arquitetura civil". Essa Academia, como a primeira, não chegou a funcionar e no mesmo ano de 1820, a 23 de Novembro foi publicado outro decréto determinando que com o nome de "Academia das Belas Artes" fossem iniciadas as aulas de pintura, desenho, escultura, e gravura, estando anexa a êsse decréto a relação dos professores nomeados com seus respectivos vencimentos, por onde se verifica que os cargos de Diretor foram dados a dois Portugueses, Henrique José da Silva (1772-1834) e Padre Luiz Raphael Soyé e que não foram aproveitados os serviços de Charles Levavasseur. Luis Meunié e François Bonrepos (auxiliares de Auguste Taunay e Grandjean de Montigny) e ainda que foram contratados os irmãos Marc e Zepherino Ferrez, respectivamente escultor e gravador, e os já então discípulos de Debret: Simplicio Rodrigues da Silva, João de Cristo Moreira e Francisco Pedro do Amaral.

Com a admissão de dois portugueses para os cargos de maior destaque da Academia recem-criada começaram a se manifestar descontentamentos entre os artistas franceses. Isto influiu para que Nicolas Antoine Taunay, o artista por todos os títulos indicado para o lugar de Diretor, não pleiteasse renovação da licença que obtivera do Instituto de França e regressasse à sua pátria. Como seu substituto na cátedra de pintura de paisagem ficou seu filho e discípulo Felix Emile Taunay (1795-1881), que o acompanhara ao Brasil muito jovem ainda, não sendo por isso incluido na relação dos artistas componentes da Missão.

Tornando-se o país independente e subindo Pedro I ao trôno novas esperanças tiveram os artistas franceses. Solicitou então Debret ao jovem monarca que lhe fôsse concedido um dos "ateliers" da Academia para nêle executar a grande téla em que pretendia representar a cêna da Coroação Imperial e instalar o seu curso livre de pintura, sem nenhum onus para o Estado. Depois de muitas lutas, conseguem os artistas franceses instalar seus cursos livres no edificio da Academia.

Em principios de 1824, por interferência de Debret, o Imperador visita a exposição dos trabalhos da aula dêsse artista, acompanhado de seu gabinete. Excelentemente impressionadas resolvem as autoridades instalar a Academia de Belas Artes.

Tendo o Marquês de Queluz assumido a direção da Pasta do Imperio realiza uma reunião por êle presidida, a que concorrem todos os artistas e professores, sendo nessa ocasião lido o regulamento feito por Henrique José da Silva, do qual con-

stava a cláusula de obrigatoriedade de permanência do aluno durante cinco anos na aula de desenho, antes do estudo de qualquer ramo de arte que desejasse seguir, deixando assim na inação os mestres franceses, mas obrigando-os a permanecer na Academia durante tres horas diarias. Somente Gradjean de Montigny podia dar uma lição de duas horas por dia aos alunos de desenho que se destinavam à arquitetura. Nessa reunião foram os franceses convidados a apresentar o plano de organização completa da Academia, o que foi feito um mês após, sendo o mesmo mais tarde publicado a expensas de Debret.

As questões politicas que se suscitavam no joven Brasil Independente absorviam tôda a atenção do Imperador e seus ministros, mas ainda assim o monarca, procurando tudo harmonizar, poude proceder à instalação da Academia a 5 de Novembro de 1826. Esta inauguração foi realizada com tôda solenidade, com a presença do Imperador e da Imperatriz, sendo que foi esta a última vez que a mesma se apresentou em público, falecendo logo após. Saudou-os o Secretário Padre Luiz Raphael Soyé, Zepherino Ferrez gravou uma artistica medalha, comemorativa do acontecimento.

De 1826 a 1829 prosperavam enormemente os cursos livres dos mestres franceses. Diante dêsse resultado o Ministro Barão de São Leopoldo, em desacôrdo com o regulamento da Escola ordenou que Manoel de Araujo Porto Alegre (1806-1897) e outros candidatos de valor fossem dispensados da terminação do curso preparatório de desenho. Logo depois assumindo José Clemente Pereira a Pasta do Imperio, atendendo à insistente solicitação de Debret feita por intermédio de seu diléto aluno Porto Alegre, autorizou que fôsse organizada anualmente uma exposição de Belas Artes.

Em 1829 realizou-se pois, pela primeira vez, uma exposição oficial de Belas Artes no Brasil, na qual os mestres franceses tiveram oportunidade de demonstrar a eficiência de seu professorado, apresentando discípulos já com bom aproveitamento nas classes de pintura, escultura e arquitetura.

O catálogo dessa exposição foi impresso às expensas de Debret, que teve ainda o cuidado de ofertar um exemplar à Bibliotéca Pública (hoje Nacional) o qual está exposto no presente certame, gentilmente cedido pelo Diretor dêsse estabelecimento. Essa exposição alcançou um merecido êxito, os jornais referiram-se muito elogiosamente a ela, e segundo Porto Alegre foi visitada por mais de duas mil pessoas. No ano imediato foi realizada a segunda exposição oficial ainda mais concorrida que a primeira, figurando além dos expositores do ano anterior, novos alunos de destaque e da qual igualmente apresentamos um

exemplar do catálogo, tambem, pertencente à Bibliotéca Nacional.

Apesar da dificilima situação que atravessava o país com as lutas da Guerra Cisplatina, com a impopularidade sempre crescente do nosso Primeiro Imperador, em fins de 1830 o Govêrno voltou suas vistas para a Academia, intimando o Parlamento que o Diretor Henrique José da Silva apresentasse um relatorio circunstanciado das reclamações feitas pelos professores contra sua direção. Ficaram pois os mestres franceses esperançosos de uma mudança favorável, quando lhes chega a notícia de que o govêrno cedera metade do edificio da Academia à Tipografia Nacional.

Essa medida vem desanimar mais ainda os artistas franceses cançados de tantas dificuldades, resolvendo então Debret, voltar à sua pátria em 1831, levando daqui o material para escrever a sua conhecida obra "Voyage pittoresque et historique au Brésil", importantíssimo livro que tão grande subsídio traz ao estudo da história e dos costumes de nossa pátria e que acaba de ser traduzido para o Português por Sergio Milliet.

Depois da partida de Debret, Felix Emile Taunay é nomeado Secretário da Academia, em substituição ao Padre Raphael Soyé. Em 30 de dezembro de 1831 foi lavrado um decréto reorganizando os cursos da Academia e mandando que vigorasse o programma elaborado anteriormente pelos mestres franceses. Mas essa medida não toma caráter prático pois estamos no tormentoso periodo das Regências e as artes são renegadas para plano secundário.

Em 1834 morre Henrique José da Silva sendo indicado para substitui-lo Felix Emile Taunay que é nomeado a 12 de Dezembro dêsse mesmo ano, passando pois só nessa época o ensino das belas artes à direção dos mestres franceses que para êsse fim haviam chegado ao Brasil em 1816.

Atravessam então as artes um período de aparente amortecimento mas o novo Diretor, de acôrdo com Grandjean de Montigny, trabalha e em breve a sua salutar influência se faz sentir. Em 1836 consegue a retirada da Tipografia Nacional do Edifício da Academia, em 1840 propõe ao Govêrno que se tornassem gerais as exposições particulares do estabelecimento, o que consegue, expedindo o Conselheiro Manoel Antonio Galvão o aviso de 31 de Março dêsse mesmo ano, determinando que a exposição anual da Academia se tornasse "Exposição de Belas Artes" e instituindo a concessão de premiações aos expositores que mais se distinguissem, pertencentes ou não à Academia. Incentivados pelos prêmios muitos artistas concorreram ao Salão de 1840 que marca um grande sucesso e o início da fase de ver-

dadeiro florescimento das artes no Brasil, pois nesse ano sóbe ao trôno D. Pedro II, o Imperador erudito e filósofo — que fêz um reinado de proteção às letras, às ciências e às artes.

Em 1845 outra relevante conquista vem influir de maneira decisiva para o progresso das artes: a instituição dos prêmios de viagem.

Dessa época em diante realizam-se exposições e concursos aos prêmios de viagem, podendo portanto ser considerado organizado o ensino artístico do Brasil, pela competência, dedicação e abnegação dos componentes da missão artística francesa de 1816 e de muitos de seus discipulos brasileiros que já então continuavam dignamente a obra encetada com tanta eficiência.

Organizando êste Museu a presente Exposição, como Órgão do Ministério da Educação e Saúde, em colaboração com diversos estabelecimentos públicos congeneres e dedicados colecionadores particulares, rende aos mestres franceses uma merecida homenagem, apresentando ao nosso público em conjunto grande número das mais importantes obras dêsses mestres, que tanto trabalharam pelas artes plasticas em nossa pátria nos primordios de sua civilização.

Joaquim Lebreton
(1760—1819)
Retrato por Fr. Gérard em 1803

"Retrato de Joaquim Lebreton" Chefe da Missão, (por François Gérard)

Alguns trabalhos trazidos por Lebreton e existentes no Museu Nacional de Belas Artes.

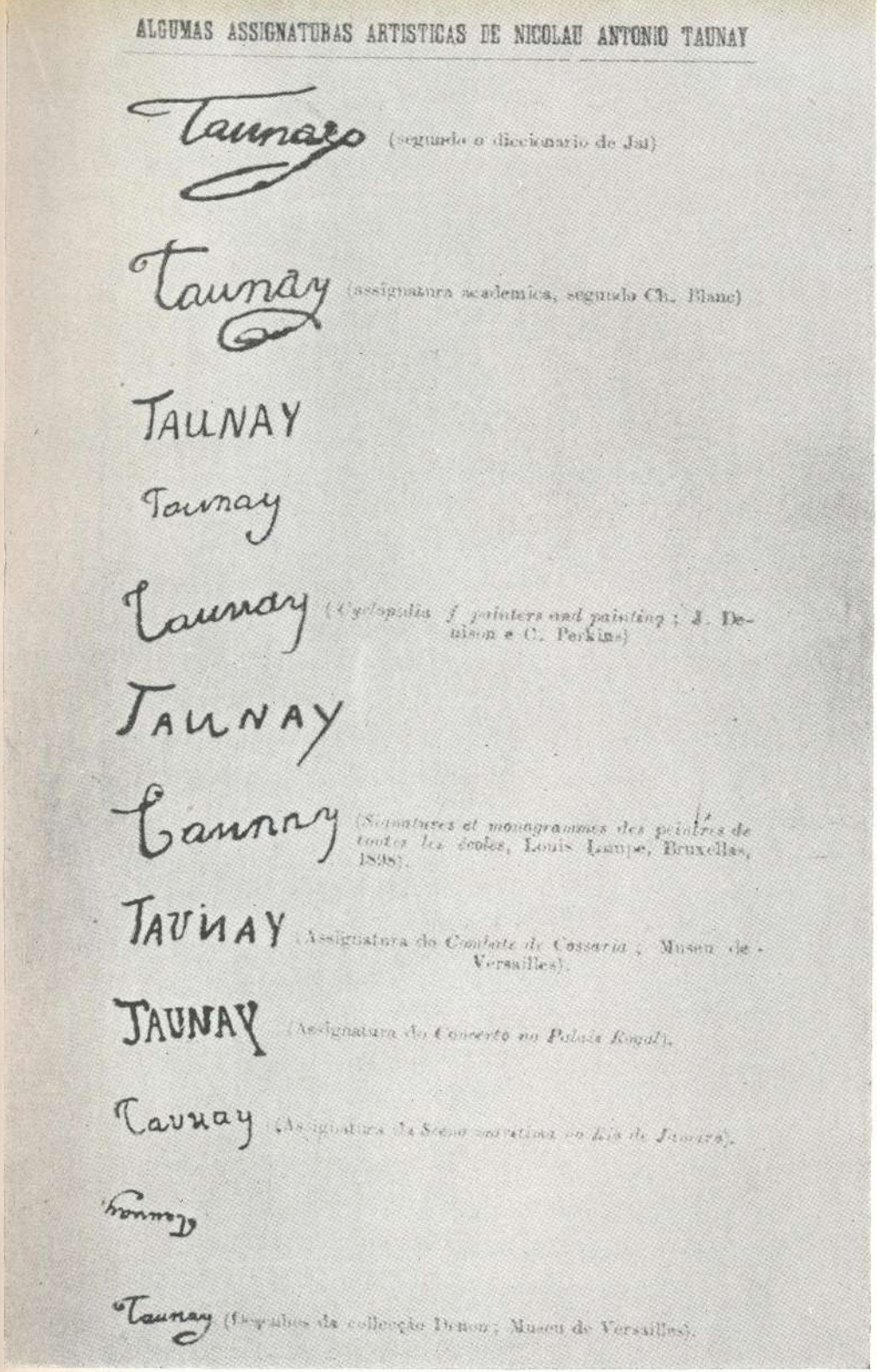
1) — Vista de Veneza	Canaleto
2) — Vista de Veneza	"
3) — Vista de Veneza	"
4) — Paisagem	Salvador Rosa
5) — Paisagem	" "
6) — Paisagem	" "
7) — Paisagem	" "
8) — S. Bruno	Jouvenet
9) — A Resurreição de Lazaro	Jouvenet
10) — A Virgem cercada de flores	Van Kessel (?) e Daniel Seghers (?)
11) — Cristo carregando a cruz	Franck
12) — Venus e amores	Albani
13) — Caçada de veados	Snyders
14) — A morte de Turenne (?)	
15) — Morte de Germanico	Poussin (Copia por Debret)
16) — O Sacramento do matrimonio	" (Copia)
17) — Sacra familia (copia)	Rafael
18) — Escola de Atenas — detalhe (copia)	Rafael
19) — O Cristo e a Virgem (copia)	Charles Le Brun
20) — Lot e suas filhas	Veroneso (?)
21) — Senador de Veneza (copia)	Tintoreto (?)

22) — Jesus com a bola do mundo na mão	Autor ignorado
23) — O anjo conduzindo Tobias	" "
24) — Arca de Noé	" "
25) — O martirio de S. Bartolomeu	" "
26) — Grande quadro com flores	" "
27) — Os peregrinos de Emaüs	(Escola Espanhola)

Esses quadros foram adquiridos por Lebreton a M. Chep. sito a rua Condé n.º 30 e Mr. Meunier, comerciante de quadros sito á rua de la Seine n.º 6 Faubourg S. Germain, Paris.

Nicolau Antonio Taunay
Retrato por Julio Boilly em 1825

"Retrato de Nicolas Antonio Taunay", (por Julio Boilly).



Algumas assinaturas artisticas de Nicolas Antoine Taunay, extraidas do livro "Missão Artistica de 1816" pelo Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay

NICOLAS ANTOINE TAUNAY

Nasceu em Paris a 11 de fevereiro de 1755 e faleceu nessa mesma cidade a 29 de março de 1830.

Foi um paisagista de mérito e pintor histórico. Membro do Instituto de França.

Muito jovem demonstrando acentuada vocação artistica entrou para o atelier de Lepicié; mais tarde foi aluno de Brenet, pintor de historia, correto desenhista que incutiu no animo do discipulo o gosto pela pureza do desenho, pela correção da fórma. Aperfeiçoou seus estudos na Academia de França em Roma; depois empreendeu varias viagens, nas quais muito observou e aprendeu.

Quando foi contratado para vir ao Brasil como membro da Missão artistica de 1816 era um artista feito, já tendo executado grande numero de belos trabalhos e concorrido com sucesso a varios "Salons" de Paris.

Aqui no Brasil muito produziu, encantado pela belesa da natureza tropical.

Em 1821 voltou a França onde continuou a trabalhar sempre como na mocidade, vindo a falecer aos setenta e cinco anos. Muitas de suas telas foram reproduzidas em gravuras.

Além deste Museu possuem trabalhos de sua autoria diversos Museus de França e de outros paises, entre os quais o "Victoria and Albert Museum" de Londres, onde se encontra a sua conhecida tela "Cêna maritima no Rio de Janeiro".

Figura no presente catalogo o retrato de Nicolas Antoine Taunay, reprodução do executado por Julio Boilly, em 1825 e o busto desse mesmo artista exposto no presente certamen é uma moldagem feita do original em marmore existente em Paris, da autoria do escultor francês François Felix Roubaud (1825-1876) — (Do Museu Nacional de Belas Artes).

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

28 — Outeiro da Gloria
Oleo. A. 0,32 — L. 0,46.

29 — A dansa das ninfas
Oleo. A. 0,17 — L. 0,28.

30 — Luiz XIV e Mlle. de Lavallière
Oleo. A. 0,34 — L. 0,48.

31 — Os tocadores de flauta
Oleo. A. 0,30 — L. 0,43.

32 — Regimento em repouso
Oleo. A. 0,13 — L. 0,26.

33 — Gioto e Cimabue
Oleo. A. 0,15 — L. 0,12.

34 — A União faz a força
Oleo. A. 0,38 — L. 0,46.

DA COLEÇÃO D. LAURINDA SANTOS LOBO:

35 — Composição
Oleo. A. 1,17 — L. 1,06.

DA COLEÇÃO DR. RAYMUNDO DE CASTRO MAYA:

36 — Vista do Rio de Janeiro, tirada de Santa Tereza
Oleo. A. 0,63 — L. 0,52.

37 — Vista da Baía do Rio de Janeiro com o Outeiro da Gloria
Oleo. A. 0,48 — L. 0,37.

38 — Festa napolitana
Oleo. A. 0,43 — L. 0,35.

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

39 — Théâtre de la Folie
Oleo. A. 0,32 — L. 0,41.

40 — Major Carlos Taunay
Oleo. A. 0,48 — L. 0,43.

41 — Theodoro Taunay
Oleo. A. 0,45 — L. 0,38.

42 — Felix Taunay
Oleo. A. 0,47 — L. 0,38.

43 —Adriano Taunay
Oleo. A. 0,38 — L. 0,46.

44 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,17 — L. 0,14.

45 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,17 — L. 0,14.

46 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,17 — L. 0,14.

47 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,33 — L. 0,25.

48 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,33 — L. 0,25.

49 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,25 — L. 0,20.

50 — Retrato — Familia Taunay
Oleo. A. 0,25 — L. 0,20.

51 — Jeanneton, Criada da Familia Taunay
Oleo. A. 0,46 — L. 0,38.

52 — Herminia e os Pastores
Oleo. A. 1,24 — L. 1.76.

53 — Messager de la Paix
Oleo. A. 0,41 — L. 0,61.

54 — O Largo da Carioca em 1816
Oleo. A. 0,46 — L. 0,57.

55 — O Morro de Sto. Antonio em 1816.
Oleo. A. 0,46 — L. 0,57.

56 — Praia de Botafogo em 1816
Oleo. A. 0,32 — L. 0,46.

57 — S. João Evangelista
Oleo. A. 0,16 — L. 0,22.

58 — S. Lucas Evangelista
Oleo. A. 0,16 — L. 0,22.

59 — S. Mateus Evangelista
Oleo. A. 0,16 — L. 0,22.

60 — S. Marcos Evangelista
Oleo. A. 0,16 — L. 0,22.

"Retrato de J. B. Debret" — (por Manoel Araujo Porto Alegre)
(Da Escola Nacional de Belas Artes)

JEAN BAPTISTE DEBRET

Nasceu em Paris a 18 de abril de 1768 e faleceu nessa mesma cidade a 22 de junho de 1848.

Pintor de história e paisagem. Membro do Instituto de França.

Discipulo da Escola de Belas Artes de Paris, na classe de Jacques Louis David (1748-1825) obteve em 1791 o segundo premio de Roma. Estreou no "Salon" de Paris de 1798, onde continuou a expôr até vir para o Brasil. Pintou varias telas representando passagens da vida de Napoleão, a quem era muito afeiçoado. A quéda do "Grande Imperador" influiu grandemente para que aceitasse o convite para vir ao Brasil como membro da Missão de 1816.

Aqui executou muitos trabalhos e como profesor de pintura teve uma ação verdadeiramente construtora, dedicando-se com abnegação a seus discipulos e muito contribuindo para o progresso das artes e nossa Patria. A êle se deve a organização da primeira exposição oficial de Belas Artes no Brasil, em 1829, e muitas outras benéficas iniciativas; procurou sempre estimular os alunos brasileiros, considerando-os inteligentes e com pendores artisticos, como varias vezes friza no seu livro "Voyage pittoresque et historique au Brésil".

Foi condecorado por D. Pedro I com o oficialato da Ordem de Cristo.

Em 1831 voltou á França levando os elementos para escrever o livro acima referido e o seu discipulo predileto Manoel de Araujo Porto-alegre. Como seu substituto na cátedra de Pintura histórica ficou Simplicio Rodrigues de Sá, que com ele havia estudado. Aqui deixou algumas obras de real merecimento e o resultado de seus valiosos ensinamentos durante o periodo de seu professorado.

Faleceu em Paris com a avançada idade de oitenta e quatro annos.

Figura no presente certamen um retrato de J. B. Debret da autoria de seu discipulo Manoel de Araujo Porto-alegre (Da Escola Nacional de Belas Artes).

O gesto patriotico e nobre que teve o Dr. Raymundo Castro Maya adquirindo na Europa a grande maioria dos originais de Debret feitos no Brasil permite-nos apresentar a opublico no presente certamen a maior documentação até hoje reunida sobre costumes, fatos historicos, personagens, vistas, etc., do Brasil na primeira metade do seculo XIX.

Para facilidade de apresentação desses preciosissimos originais os sub-dividimos da seguinte forma:

a) **Titulos de J. B. Debret**
b) **Vistas de sua viagem**
c) **Indios, adornos indigenas**
d) **Negros — seus costumes, suas atividades**

e) A Côrte e seus costumes
f) Costumes da burguezia
g) Paisagens, motivos arquitetonicos, assuntos religiosos
h) Flora e fauna.

DA COLEÇÃO DR. RAYMUNDO DE CASTRO MAYA:

a) Titulos de Jean Baptiste Debret

60 A — Capa do livro "Voyage pittoresque et historique au Brésil"

61 a) Diploma do Instituto Historico
b) Titulo da Legião de Honra

62 a) Diploma do Instituto Historico e Geografico Brasileiro
b) Diploma da Academia Real de Belas Artes do Instituto de França, outrogado como premiação ao seu livro "Voyage pittoresque et historique au Brésil".

b) Aquarelas executadas por J. B. Debret durante a viagem do Havre ao Rio de Janeiro feita no brigue "Calpe" e logo após a sua chegada aqui, para serem enviadas ao seu irmão François Debret em Paris.

62 A — Diversos aspectos da partida do "Calpe" do Havre e da vida a bordo

63 a) Pico de Teneriffe
b) Ilha de May
c) Idem

64 a) Primeira vista da costa do Rio de Janeiro (25-3-1816)
b) Vista da Costa com o Calpe (Gigante que dorme)

65 Entrada da barra do Rio de Janeiro na altura do Pão de Assucar, 25-3-1816

66 a) Casa de moradia de Debret em Catumbí
b) Gabinete de trabalho do artista
c) Cabo Frio com o "Calpe"
d) Planta da Bala do Rio de Janeiro

c) Indios, adornos indigenas

67 — Caboclo (indio civilizado) (aquarela)

68 — Indio Camacã Mongoio (Hiiema Mongoio) (aquarela)

69 — India Camacã (Kiakhrara Mongoio) (aquarela)

70 — Estudo para "Familia de um chefe Camacã em preparativos de festa" (desenho)

71 — Familia de um chefe Camacã em preparativos de festa (aquarela)

72 — Estudo para "Tribu Guaicurú em busca de novo pouso" (desenho)

73 a) Tribu Guaicurú em busca de novo pouso
b) Carga de cavalaria de Guaicurús (aquarelas)

74 a) Familia de Botocudos em marcha
b) Campo noturno em Itararé (aquarelas)

75 — Sinal de combate (Coroados) (aquarela)

76 — Sinal de retirada (Coroados) (aquarela)

77 — Chefe Charrúa (aquarela)

78 — Detalhe de adorno da indumentaria de Chefe Charrúa (aquarela)

79 — Charrúas civilizados (peões) (aquarela)

80 — Chefe de Bororenos partindo para uma expedição guerreira (aquarela)

81 — Botocudos, Buris, Patachos, Macharis (aquarela)

82 — Indios Guaianases (aquarela)

83 — Mumia de um chefe Coroado (aquarela)

84 — Dansa de selvagens da Missão de S. José (aguada)

85 a) Estudo (desenho)
b) Estudo para "Indios soldados escoltando selvagens" (aguada)

86 — Indios soldados escoltando selvagens (aguada)

87 — Soldados indios de Mogí das Cruzes (aquarela)

88 — Guaranís civilizados empregados no Rio de Janeiro como artilheiros (aquarelas)

89 — Indios Guaranís civilizados, ricos cultivadores de vinhas (aquarela)

90 — India Guaraní civilizada á caminho da Igreja em trajes Domingueiros (aquarela)

91 — Indias prestando homenagem a um branco (desenho)

92 — Caboclas civilizadas vivendo na cidade como lavadeiras (aquarela)

93 — Aldeiamento de caboclos em Cantagalo (aquarela)

94 — Bugres, Provincia de Sta. Catarina (aquarela)

95 a) Viajantes da Provincia do Rio Grande
b) Chefe Guaicurú (aquarelas)

96 a) Campeiros Charrúas peões da Provincia do Rio Grande (aquarela)
b) Idem, idem
c) Idem, idem

97 a) Viola d'Angola (musica de pretos) (aquarelas)
b) Avental feminino feito de fibras de algodão
) Adorno (detalhe)
) Bolsa feminina trançada
) Cabaça
c) Ceramica indigena

98 a) Mascaras indigenas (aquarelas)
b) Idem
c) Utensilios de trançado de palha

99 a) Raizes e batatas empregados na culinaria indigena
b) Utensilios indigenas
c) Ceramica, palmito, diversos objectos indigenas (aquarelas)

100 — Mascara indigena (aquarela)

101 — Mascara indigena (aquarela)

102 — Mascaras indigenas (aquarela)

103 — Mascaras indigenas (aquarela)

104 — Estudos de adornos indigenas (aquarela)

d) Negros, seus costumes, suas atividades.

105 — 4 Estudos de tipos de rua do Rio de Janeiro (aquarela)

106 — 6 Estudos de costumes (aquarelas)

107 a) Tipos de rua
b) Mineiros em trajes de campanha
c) Milicia nacional, 1.º Regimento de Granadeiros Imperiais (aquarelas)

108 — 7 Estudos de tipos de rua do Rio de Janeiro (aquarela)

109 — 5 Estudos "

110 — 7 Estudos "

111 — 5 Estudos de barcos, jangadas e personagens "

112 — 7 Estudos sobre personagens (aquarela)

113 — 7 Estudos sobre costumes "

114 — 5 Idem "

115 — 8 Idem "

116 — 5 Idem "

117 — 6 Idem "

118 a) Estudo
b) Mantilha usada por pessôas idosas (aquarelas)

119 a) Estudo de tipos e costumes "
b) Idem

120 a) Tipos de rua
b) Cação (cachorro do mar) "
c) Tipos de rua

121 a) Tipos diversos
b) Vendedores ambulantes "
c) Costumes

122 a) Tipos "
b) Idem

123 a) Estudos "
b) Idem

124 a) Estudos
b) Idem
c) Idem (aquarelas)

125 a) Estudos
b) Idem "

126 a) Estudos
b) Idem "

127 a) Estudos sobre atividades
b) Idem
c) Idem "

128 a) Estudos sobre atividades
b) Idem
c) Idem "

129 a) Baiana
b) Baiana velha
c) Caçadores de indios no Sul "

130 a) Igreja Mãe dos Homens
b) Estudo "

131 — Casamento de negros pertencentes a uma familia rica (aquarela)

132 — Negras novas a caminho da igreja para o batismo (aquarela)

133 a) Mascaras de ferro impostas aos escravos que tivessem o vicio de comer terra
b) Indumentaria de negro para receber o batismo
c) Negro fugitivo (aquarelas)

134 — Marcha funebre para o enterro de um filho de Rei negro africano catolico (aquarela)

135 — Cortejo funebre de uma negra catolica, chegando á Igreja da Lampadosa (aquarela)

136 — Anjinho preto de cadeirinha (aquarela)

137 — Feitores castigando negros na roça "

138 — Negros no tronco "

139 — Negro açoutado no pelourinho nas praças da cidade (aquarela)

140 — Abrigo de palha usados pelos negros nos dias chuva (ao fundo vista do Flamengo, onde morava Lebreton (aquarela)

141 — Barbeiros ambulantes (aquarela)

142 — Malhando Judas no Sabado de Aleluia "

143 — Carregamento de farinha de mandioca "

144 — Marimba — Passeio da tarde de Domingo "

145 — Negras livres vivendo de suas atividades "

146 — Negra comprando galhos de arruda para se preservar de mau olhado (aquarela)

147 — Esmolas para manutenção da Igreja Rosario (Porto-Alegre) (aquarela)

148 — Velho "Orpheu" africano "Oricongo" (aquarela)

149 — Familia pobre recebendo o produto do trabalho da velha negra vendedora de agua (aquarela)

150 — Mulata a caminho do sitio para as "festas" do Natal (aquarela)

151 — Loja de sapateiro (aquarela)

152 — Negros marinheiros fazendo vassouras de fibras de coqueiros (aquarela)

153 — Carregadores de leite indo para a cidade (aquarela)

154 — Carpinteiro indo para o trabalho "

155 — Carreto de madeira "

156 — Loja de carne de porco "

157 — Desembarque de telhas "

158 — Carregadores de capim "

159 — Negros vendedores de carvão "

160 — Fechos de lenha "

161 — Escravos negros conduzindo tropas na provincia do Rio Grande do Sul (aquarela)

162 — Mocotós, refrescos, bolos da Baía e polvilhos de fôrma (aquarela)

163 — Vendedor de palmito (aquarela)

1164 — Folhas de pita para fabricação de cordas "

165 — Transporte de café a caminho da cidade "

166 — Refrescos após o jantar no Largo do Paço "

167 — Quitandeiro maritimo "

168 — Negras vendedoras de angú (angú de quitandeira) (aquarela)

169 — Dia de entrudo (aquarela)

170 — Barca chamada Pelotas (maneira de atravessar os riachos no Rio Grande do Sul) (aquarela)

171 — Negros serradores (aquarela)

172 a) Serradores de taboas
b) Vendedores de galinhas e perús (aquarelas)

173 — Pedreira (aquarela)

174 — Cestos "

175 — Vendedora de milho verde e maduro "

176 — Loja de carne seca "

177 — Padaria "

178 — Negras lavadeiras no rio das Laranjeiras "

179 — Engenho de cana "

180 — Casa para alugar, cabra e cavalo á venda "

181 — Loja de rapé "

182 — Loja da rua Valongo (mercado de escravos) "

183 — Vendedoras de "Pão de lot" "

184 — Café torrado

185 — Vendedor de flores e de fatias de côco da Baía (aquarela)

186 — Vendedores de cebolas e alhos (aquarela)

187 — Transporte de carvão "

188 — Calceteiros "

189 — Mandioca, pudim quente, sonhos "

190 — Vendedor de flores e lavadeira "

191 — Negros saindo de um matadouro de porcos "

192 — Samburás (aquarela)

193 — Vendedor de sapê e de capim seco "

194 — Transporte de carne fresca do Matadouro geral da Praia de Santa Luzia (aquarela)

195 — Banha de cabelo bem cheirosa (aquarela)

196 — Vendedor de pó de sapato e vendedora de tripa (aquarela)

197 — Açougue (aquarela)

198 — Vendedora de folha de bananeira "

199 — Ripas de madeira "

200 — Jangada "

e) A Côrte e seus costumes

201 — Nossa Senhora da Conceição sobre as insignias do Reino Unido (aquarela)

202 a) Alegoria para aclamação do Rei D. João VI
b) Vestido de cidade
c) Alegoria para o nascimento de D. Pedro II (aquarelas)

203 — Aclamação de D. João VI (desenho e aquarela)

204 — Retrato de D. Pedro I (aguada)

205 — Retrato de D. Pedro I que devia figurar no cabeçalho de uma obra sobre os principais acontecimentos politicos que seguiram à fundação do Imperio do Brasil (aguada)

206 — Pavilhão do Imperio Brasileiro (aquarela)

207 — Trajes magestaticos, manto, corôa e cetro de S. M. D. Pedro I (aquarela)

208 — D. Pedro I em trajes magestaticos, no trôno, ladeado de bispos. (Estudo para o quadro da "Sagração" em 1-12-1822) (aquarela)

209 — Desembarque da Princeza Imperial D. Leopoldina no Rio de Janeiro
Embarque da familia real para Portugal (aguada)

210 a) Retrato de D. João VI
b) Retrato de D. Carlota Joaquina
c) Retrato de D. Leopoldina (aquarelas)

211 — Aclamação de D. Pedro I no Campo de Sant'Ana, na sacada do pavilhão denominado "Palacete".
(A aquarela representa Pedro I no momento em que aceita o titulo de Imperador. José Clemente Pereira, Presidente do Senado, dá o ultimo viva, apresentando ao povo a áta que acaba de ler. O Procurador do Senado desfralda a nova bandeira com as armas Imperiais. A Imperatriz ladeada do Capitão da Guarda (José Maria Berco) apresenta ao povo a Princesa Maria da Gloria (aquarela)

212 a) Vestidos de damas da Côrte (de gala)
b) Traje da Imperatriz para o dia da coroação de D. Pedro I
c) Condecorações brasileiras (aquarelas)

213 a) Vestidos das damas de honra (de gala)
b) Traje Imperial (de gala) (aquarelas)

214 — Uniforme da Côrte (aquarela)

215 a) Oficial superior do Exercito
b) Oficial do Senado da Camara (aquarelas)

216 a) Paço de S. Cristovam (desenhos)
b) D. Pedro

c) Chafariz
d) Os principes reais
e) Conde de Palma
f) Perfil masculino

217 a) Penteados de senhoras
b) Idem
c) Penteados adotados para cerimonias da Côrte (aquarelas)

218 a) Guarda de honra, corpo de dragões
b) Caçador do Batalhão do Imperador (aquarelas)

219 — O Imperador seguido por um camareiro e um reposteiro-mór (beija-mão) (aquarela)

220 — Largo de S. Francisco em festa para o Te-Deum em ação de graças pelo regresso da Baía de S. M. O Imperador (aquarela)

221 — Coche funebre que transportou S. M. a Imperatriz D. Leopoldina (aquarela)

222 — Repositorio dos restos mortais de S. M. a Imperatriz no Convento da Ajuda (aquarela)

223 — Oficial da Côrte a caminho do Palacio Imperial (aquarela)

224 — Desembargadores chegando ao Palacio da Justiça (aquarela)

225 — Fazenda Real de Santa Cruz (aquarela)

226 a) Casamento de D. Pedro I com a Princesa Amelia de Leuchtenberg
b) Embarque na Praia Grande das tropas reais destinadas ao sitio de Montevidéo (aquarelas)

227 — Archeiros do rei (Reposteiros-móres) (aquarela)

228 — Patriotas no dia 7 de abril de 1831 (desenho)

229 a) Batismo da Princesa D. Maria da Gloria no Rio de Janeiro (23-6-1819)
b) Aclamação de D. Pedro II (aquarelas)

230 a) Cenarios de teatro
b) Idem
c) Pano de boca executado para a representação extraordinaria do teatro da Côrte por ocasião da Coroação de D. Pedro I (aquarelas)

231 a) Cenario de teatro
b) Porta de entrada de uma casa nobre (aquarelas)

232 — Alegoria ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (aquarela)

f) Costumes da burguezia

233 a) Intelectual trabalhando em sua casa
b) Desembargador do Paço
c) Cascata da Tijuca (aquarelas)

234 — 3 estudos da Procissão de Corpo de Deus com S. Jorge a cavalo (aquarelas)

235 a) Costumes de Ministro e Secretario de Estado
b) Refrescos das tardes de verão — Aloá, limão doce, caldo de cana
c) Cirurgião negro (aquarelas)

236 a) Loja de barbeiro
b) Botica (aquarelas)

237 a) Interior de casa de cigano
b) Menina indo para Escola (dia de St'Alexis) (aquarelas)

238 a) Carro do Espirito Santo
b) Jogo de argola a cavalo

c) Abrigos para chuva usados pelos negros
d) Estudo de instrumentos de jardinagem (aquarelas)

239 — 6 Estudos sobre tipos da Provincia do Rio Grande do Sul (aquarelas)

240 a) Estudo de golas
b) Estudo de galões
c) Estudo de gaita feita de folhas de palmeira no dia de Ramos (aquarelas)

241 — Descanço de mineiros (aquarela)

242 — Moradores de Minas (aquarela)

243 — O laço (cêna da Provincia do Rio Grande do Sul) (aquarela)

244 — Coleta de esmolas no dia de Pentescostes (Bandeira do Divino) (aquarela)

245 — Voto de uma missa pedida com esmolas (aquarela)

246 — Velho convalescente levando sua promessa á Igreja (aquarela)

247 — Comprimento de promessa dos marinheiros á N. S. dos Navegantes (aquarela)

248 — Anjo voltando da procissão (aquarela)

249 — O viatico sendo levado á casa de um doente "

250 — Diversos feitios de caixões funebres "

251 — Enterro de um Irmão da Ordem de N. S. da Conceição (aquarela)

252 — Exposição do corpo de um Comendador da Ordem de Cristo (aquarela)

253 a) Varios cortejos funebres
b) Catacumbas da Paroquia da Ordem do Carmo
c) Viveres levados aos presos pela Irmandade do Espirito Santo (aquarelas)

254 — Os primeiros afazeres da manhã (o "esmoler" de opa roxa é da Irmandade de S. Sacramento, o da azul é da Irmandade de N. S. da Conceição (aquarela)

255 — Creança branca levada á Igreja para o batizado (aquarela)

256 — Quarta-feira Santa na Igreja Mãe dos Homens (aquarela)

257 — Senhora indo a missa de cadeirinha "

258 — Senhora da classe média em seu lar "

259 — Proprietario de chacara regressando á cidade carregado em rêde (aquarela)

260 — Empregado do governo passeiando com a familia no Domingo (aquarela)

261 — As "festas" de Natal (aquarela)

262 — A "sesta" numa tarde de verão "

263 — Jantar brasileiro "

264 — Costumes brasileiros "

265 — Estudos

266 — Escadaria de uma casa rica (aquarela)

267 — Caça ao tigre em S. Paulo "

268 — Primeiros ensaios guerreiros "

269 — Venus negras (aquarela)

270 a) Fiscal de pesos e medidas (almotacel)
b) Oficial de justiça (aquarelas)

271 — Liteira para viajar no interior do paiz (aquarela)

272 — Ciganos a caminho da roça "

273 — Uma visita na roça "

274 — Soldados de cavalaria acompanhando um tonel dagua (aquarelas)

275 a) Estudos de selim
b) Estudos de negros (aquarelas)

276 a) Debret na hospedaria
b) Debret no trabalho (aquarelas)

277 — Ferramentas e oficina de carpinteiro (aquarela)

278 — Estudos "

279 — Caixas de mercadorias: toucinho, cebo, fumo, assucar (desenho)

g) Paisagens, motivos arquitetonicos, assuntos religiosos

280 —

281 a) Santo Amaro
b) Cabo Frio (aquarelas)

282 a) S. Sebastião
b) Alcatrazes "

283 a) Guaratinguetá
b) Pindamonhangaba
c) Passo de Piraí
d) N. S. Aparecida "

284 a) S. Francisco
b) Vista de Villa de Torres "
c) Idem

285 a) Laguna "
b) S. Vicente

286 — Laguna (aquarela)

287 — Laguna (vista do Hospital) "

288 — Paranaguá "

289 a) Bananal
b) Itú (caminho de Sorocaba)
c) Casa pintada (aquarelas)

290 a) Vila Nova
b) Garapava "
c) Santo Antonio

291 — Santa Catarina (aquarela)

292 a) Igreja do S. Sacramento
b) Cascata da Tijuca (aquarelas)

293 a) Vila do Estreito "
b) S. Francisco de Paula

294 a) Entrada de Santa Catarina "
b) Rochedo dos Arvoredos

295 — Cantagalo (aquarela)

296 a) Nossa Senhora da Serra
b) Santo Antonio da Patrulha (aquarelas)

297 a) Mambetuba "
b) Queimados

298 a) Barra do Rio Grande do Sul
b) S. José do Norte "
c) N. S. do Triunfo

299 a) Jacareí
b) Taubaté
c) Mogí das Cruzes "
d) Itajubá

300 a) Xarqueada
b) Santa Catarina
c) Entrada de Santos "
d) Santos (lado Sul)

301 a) Espirito Santo del Serrito
b) São Gonçalo "
c) Freguezia de Sto. Amaro

302 a) Praia do Imbuí
b) Aqueduto de S. Francisco

303 — Vista perspectiva da entrada do porto do Rio Grande do Sul (aquarela)

304 a) Vista da barra do Rio Grande
b) Vista interior da mesma barra (aquarelas)

305 a) São Pedro do Sul (desenho)
b) A Vila do Norte "

306 a) Panorama do Rio de Janeiro tirado do Corcovado (desenho)
b) Idem (desenho)

307 a) Panorama do Rio de Janeiro
b) Idem (desenhos)

308 a) Panorama do Rio de Janeiro
b) Idem "

309 a) Morro do Convento
b) Pompeiro
c) Laguna (entrada) (aquarelas)

310 a) Estudos de canôas e vestimentas
b) Vista do Rio de Janeiro perto da Lagôa (Chacara da Cabeça) (aquarelas)

311 a) Oficiais de Lord Cockrane
b) Partida da esquadra Imperial comandada por Lord Cockrane para combater os soldados do Gal. Madeira na Baía (1.º de abril de 1823, ás 8 ½ da manhã) (aquarelas)

312 a) Lorena
b) Areias
Cactus e caatinga
d) Folhas de inhame (desenhos)

313 a) Olinda
b) Olinda
c) Fernando de Noronha (desenhos)

314 a) Estudo para um arco de triunfo "A' feliz União o Commercio" (desenho)

315 — Estudo arquitetonico (desenho)

316 a) Casa do Arcebispo do Rio de Janeiro em Mata Porcos
b) Projeto do monumento funebre de D. Leopoldina no Convento da Ajuda (desenhos)

317 — 3 Estudos de uma chacara no Brasil (desenhos)

318 a) Igreja de S. Fidelis
b) Tipos de mulheres
c) Instrumentos musicais indigenas
d) Plantas (desenhos)

319 — Chafariz da Carioca e Convento de Santo Antonio (desenho)

320 — Largo do Paço e Palacio Imperial (desenho)

321 a) Casa de Grandjean de Montigny na Lagôa
b) Monjolo (desenhos)

322 — Casa de Langedorff (desenho)

323 — Usina de assucar (desenho)

324 — Casa de campo, chacara (aguada)

325 — Aceitação provisoria da Constituição de Lisbôa (Largo Rocio) (desenho)

326 a) Procissão de Sto. Antonio na Quarta-feira Santa
b) Estudos de tipos (desenhos)

327 — Estudos de Crucifixo, de São Francisco e de Nossa Senhora das Dores (desenhos)

328 — N. S. da Conceição e Senhor dos Passos (desenho)

329 — Vista (porto de mar do Sul do Brasil) (aquarela)

330 a) Tipos arquitetonicos da época
b) Idem (aquarelas)

331 — Vista (desenho)

h) Flora e fauna

332 a) Côco cabrito ou cabeluda
b) Goiaba (aquarelas)

333 — Cardo de cactus (aquarela)

334 — Andaussú "

335 a) Café
b) Chá (aquarelas)

336 — Algodão (aquarela)

337 a) Poaia ou ipecacuanha
b) Douradinha (aquarelas)

338 — Estudo para Eritrine (aquarela)

339 — Dolie "

340 — Espirradeira "

341 — Flôr com espinhos "

342 — Maracujá "

343 — Lagarto (aguada)

344 a) Cobra carinhanha
b) Estudo de cabeça de cobra carinhanha papuda (aquarelas)

345 — Peixe galo (aquarela)

346 — Badejo "

347 a) Indaiá
b) Cajá manga (aquarelas)

348 a) Grumichama, jambo, araçá do campo
b) Mamão "

349 a) Cambucá
b) Cana de assucar "

350 a) Estudos de flores
b) Idem "

351 a) Manga
b) Peixes "

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

352 — D. João VI
Oleo. A. 0,85 — L. 0,68.

353 — D. Pedro I
Pastel. A. 0,30 — L. 0,23.

354 — Paisagem
Aquarela. A. 0,44 — L. 0,32.

355 — Baiana
Aquarela. A. 0,17 — L. 0,11.

356 — Forte
Aquarela. A. 0,14 — L. 0,20.

357 — Interior
Aquarela. A. 0,19 — L. 0,14.

DO MUSEU IMPERIAL:

358 — Embarque de tropas na Praia Grande para Montevidéo
Oleo. A. 0,55 — L. 0,80.

359 — Pedro II ao colo da ama
Oleo. A. 0,69 — L. 0,58.

DA BIBLIOTECA NACIONAL:

360 — Desembarque de S. A. R. a S. D. Leopoldina
(agua-forte) — A. 0,26 — L. 0,30.

361 — Cerimonia da Aclamação de S. M. D. João VI
(agua-forte) — A. 0,26 — L. 0,30.

362 — O curandeiro
(aquarela)

363 — Milan de Crotone
(desenho)

364 — Catalogo da Exposição da Imperial Academia das Belas Artes de 1829.

365 — Catalogo da Exposição da Imperial Academia das Belas Artes de 1830.

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

366 — Retrato de D. João VI
Oleo. A. 0,42 — L. 0,51.

367 — Aclamação de D. Pedro I (esboço)
Oleo. A. 0,70 — L. 0,48.

368 — Desembarque de D. Leopoldina, 1.ª Imperatriz do Brasil
Oleo. A. 0,42 — L. 0,70.

369 — Sagração de D. Pedro I
Oleo. A. 0,42 — L. 0,51.

DA COLEÇÃO DO SR. FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS:

370 — Uma carta autografa de J. B. Debret

371 — Folheto de Debret — Projeto do plano para a Imperial Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro que por ordem de S. E. o Ministro dos Negocios do Imperio foi feito pelos professores da mesma Academia, no ano de 1824.

DA COLEÇÃO DO DR. AUGUSTO DE LIMA JUNIOR:

372 — Projeto de uma bandeira para o Brasil mandada fazer por D. João VI em cujo arquivo foi encontrado por Augusto de Lima Junior. (Atribuida a Debret)

Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (por Augusto Müller)
(Da Escola Nacional de Belas Artes)

AUGUSTE HENRI VICTOR GRADJEAN DE MONTIGNY

Nasceu em Paris a 15 de julho de 1776 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de março de 1850.

Manifestando muito cedo pendor para arquitetura foi discípulo dos célebres arquitetos de Napoleão I — Percier e Fontaine, conquistando o grande premio de Roma. Mas em virtude de estar fechada a Academia por ordem da Convenção, recebeu a pensão correspondente ao prêmio que conquistara, começando a viajar.

Dirigiu as obras necessarias à adaptação da Vila de Médicis para instalação da Escola de Roma. Aí, além desse importante trabalho foi incumbido de restaurar o túmulo de Cecília Metela na Via Apia. Contratado por Jerônimo Bonaparte, então rei da Westphália, executou Montigny em Cassel diversos trabalhos de valor.

Em 1815 juntamente com Debret foi convidado por intermedio de seus mestres Percier e Fontaine a empregar sua atividade na Rússia. Recebendo idêntico convite de Lebreton para vir ao Brasil, Montigny decidiu-se a aceitar este.

Assim que aqui chegou como membro da Missão artística de 1816 foi nomeado Lente de Arquitetura e recebeu a incum-

bencia do projeto para a construção do edificio das Belas Artes executando um predio de linhas muito puras, de grande sobriedade e beleza.

Construiu o edificio da Praça do Comercio, a Alfandega, algumas residencias particulares, uma casa em Catumbí, outra na rua do Passeio, em frente ao portão do Passeio Publico e a sua propria residencia na Gavea.

Fez Montigny ainda diversos projectos interessantissimos, de magestosos edificios, chafarizes e planos de urbanismos, não conseguindo porém executar a maioria deles.

Identificou-se perfeitamente com o meio brasileiro, nunca mais voltando á patria e aqui falecendo aos setenta e quatro anos de idade.

Figura no presente certamen o retrato de Grandjean de Montigny da autoria de Augusto Müller. (Da Escola Nacional de Belas Artes).

DA COLEÇÃO SR. FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS:

373 — Area romana
Oleo. A. 0,43 — L. 0,28.

374 — "Loggia raffaelesca"
Oleo. A. 0,45 — L. 0,36.

Tendo sido esses dois quadros submetido ao exame do mestre e critico Professor Morales de los Rios emitiu este em 4-8-1927 um longo parecer, do qual damos um resumo, por especial obsequio de seu filho Professor Morales de los Rios. "A Cêna da primeira dessas telas se desenvolve em localidade pompeiana de vilegiatura; entre os fustes das colunas doricas aparece, ao fundo, o frontispicio de um templo rodeado de jardim; não me admiraria se as figuras nele representadas fossem da autoria de Debret. Quanto ao segundo quadro é representada uma "Loggia" de feição "Rafaeles-

ca" abobadada: o conjunto dessa composiçção arquitetonica, apesar da feição "Rafaelesca" revela a época verdadeira na qual foi pintado, pelo emprego de Sardonicas e Serpentinas marmoreas e esverdeadas, tão em moda quando Bonaparte voltou de sua anti-britanica expedição ao Egito. As figuras vestem á moda do tempo de Francisco I da França, são copias das figuras desse Rei e de Carlos V da Espanha, extraídas de um quadro do pintor francês Gros, conhecido sob o titulo "Francisco I e Carlos V visitando a Igreja de Saint-Denis". São figuras superpostas á pintura da composição por mão menos habil.
Emfim são duas obras pictoricas admiraveis pelos seus pormenores e execução. Elas revelam todos os caracteristicos que distinguem os desenhos de Grandjean de Montigny. Não trepido por isso em conceitua-las obras originais. deste".

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

375 — Area Romana
Oleo. A. 0,32 — L. 0,41.

376 — Cento e setenta e dois croquis de arquitetura, alguns com legenda (lapis, pena e aguada)

DA BIBLIOTECA NACIONAL:

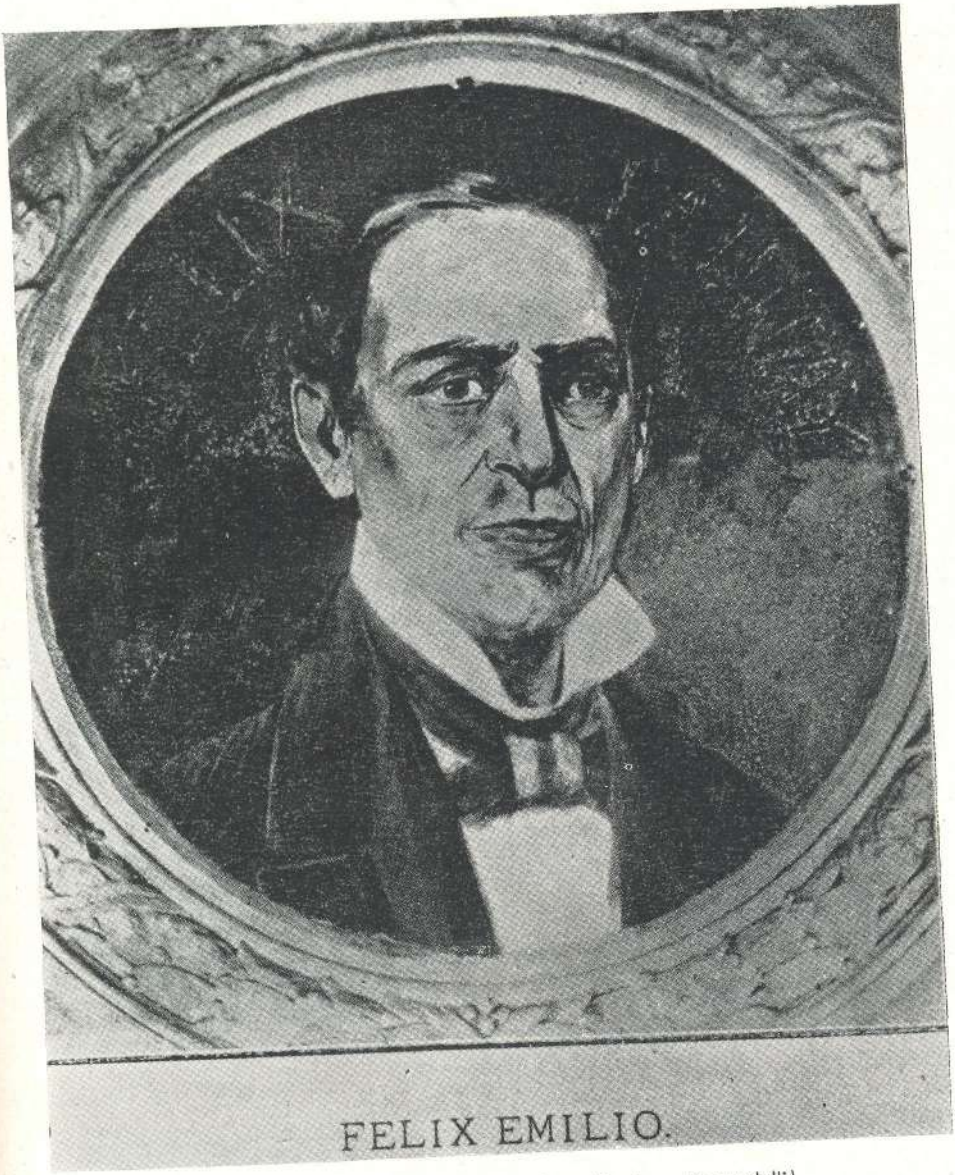
377 — Projeto de urbanismo

378 — Projeto para o edificio da Bolsa

379 — Projeto

DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES:

380 — Vinte e seis projetos arquitetonicos.



Retrato de Felix Emilio Taunay (por Henrique Bernardelli)

FELIX EMILE TAUNAY

Nasceu em Montmorency a 1.º de março de 1795 e faleceu no Rio de Janeiro a 10 de abril de 1881.

Filho e discipulo de Nicolas Antoine Taunay acompanhou o pai ao Brasil quando este para aqui veiu como membro da Missão de 1816. Era então muito jovem e foi no Rio de Janeiro que desenvolveu sua maior atividade artística.

Com o regresso de seu pai á França foi nomeado interinamente substituto do mesmo na cátedra de pintura de paisagem, na qual foi mais tarde efetivado.

Dirigiu a Academia de Belas Artes de 1834 a 1851, prestando nesse cargo relevantes serviços ás artes plasticas. Propoz ao Governo que se tornassem gerais as exposições particulares do estabelecimento e fossem concedidas premiações aos artistas expositores, o que foi autorizado. Muito trabalhou tambem pela instituição dos premios de viagem. Em 1849 sugeriu ao Governo novas medidas, tendentes a melhorar o ensino e intensificar o gosto artistico entre nós, como a creação do Ensino de Historia das Belas Artes, o aumento do prazo concedido ao pensionista na Europa etc. projectos esses que se tornaram realidade posteriormente na reforma por que passou a Academia.

Foi mestre de Pedro II, que dizia dever a êle o culto que devotava ás artes.

Executou muitas telas de valor; foi um dos autores do primeiro panorama da Baía do Rio de Janeiro, pois pelos seus desenhos e aquarelas o pintor Ronmy executou o "Panorama do Rio de Janeiro", expondo em Paris em 1824, da qual existe uma gravura rarissima feita por Pradier e pertencente à Biblioteca Nacional, a qual apresentamos ao publico no presente certamen, gentilmente cedida por esse estabelecimento.

Figura no presente catalogo um retrato desse artista de autoria de H. Bernardelli, reprodução de um dos "afrescos" existentes na fachada do Museu Nacional de Belas Artes.

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

381 — Caes Pharoux
Oleo. A. 0,76 — L. 1,18.

382 — D. Pedro II menino, 1837
Oleo. A. 0,91 — L. 0,68.

383 — D. Pedro II, D. Francisca, D. Januaria
Gravura. A. 0,33 — L. 0,39.

DA BIBLIOTECA NACIONAL:

384 — Aclamação de S. M. D. Pedro I
Agua-forte colorida a pincel. A. 0,30 — L. 0,46.

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

385 — Mata reduzida a carvão
Oleo. A. 1,95 — L. 1,35.

386 — Retrato de D. Pedro II
Oleo. A. 1,33 — L. 2,05.

387 — Vista da Mãe d'agua
Oleo. A. 0,89 — L. 1,16.

388 — O caçador e a onça.
Oleo. A. 1,36 — L. 1,80.

389 — Descoberta das aguas termais de Piratininga
Oleo. A. 1,37 — L. 1,78.

AUGUSTE MARIE TAUNAY

Nasceu em Paris a 26 de maio de 1768 e faleceu no Rio de Janeiro a 24 de abril de 1824. Muito cedo duplamente orfão, encontrou no irmão Nicolas Antoine o melhor protetor, um verdadeiro pai.

Foi aluno de João Guilherme Moitte, tornando-se um bom escultor. Conquistou o premio de viagem a Roma mas não poude gozar os beneficios dessa premiação obtida com tantos esforços pois situação politica no momento era tal que foi fechada a Academia de França na Italia. Foi escultor da Manufatura Nacional de Sèvres.

Exáecutou a decoraçãáo da grande escadaria do Palacio do Louvre e do Arco de Triunfo do Carroussel, sendo que para esse ultimo fez a estatua "Couraceiro", com a qual concorreu ao "salon" de 1808.

Entre outros trabalhos importantes são de sua autoria: a famosa estatueta que representa Napoleão com os braços cruzados sobre o peito e o busto em marmore do Major de cavalaria João Baptista Muiron, que se encontra atualmente no Museu de Versalhes.

Acompanhando seu irmão Nicolas Antoine ao Brasil, como membro da Missão artistica de 1816, aqui Auguste M. Taunay

executou varios trabalhos para as festas comemorativas da Acla-entre os quais a estatua de "Minerva protegendo com a égide o busto do monarca".

Nomeado Professor de esculptura da Imperial Academia de Belas Artes deixou varios alunos de valor, entre os quais João Joaquim Alão, que o substituiu nessa catedra após sua morte. Foi incumbido de esculpir estatuas, alegorias e baixos-relevos da fachada do edificio da Academia de Belas Artes.

E' de sua autoria um grande busto de Camões, pertencente ao Instituto Histórico. Desgostoso e desiludido morreu repentinamente em sua residencia na Tijuca.

DA COLEÇÃO DR. AUGUSTO DE LIMA JUNIOR:

390 — Medalhão em gesso. Busto á direitas de S. M. R. D. João VI, tendo á cabeça uma corôa de louros rematada por um laço na nuca.

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

391 — Ao genio do Brasil
Sépia e fusin, estudo para um monumento na Baía
A. 0,85 — L. 0,68.

THOMÁS MARIE HIPPOLYTE TAUNAY

Filho de Nicolas Antoine Taunay, nasceu em Paris em 1793 e faleceu na mesma cidade a 24 de janeiro de 1864.

Muito culto, não limitou suas atividades a um unico ramo. Foi correspondente do "Jardin des Plantes" no Brasil e mais tarde repetidor na Escola Politecnica de Paris e bibliotecario da Biblioteca de Sta. Genoveva.

De grande entusiasmo pelas letras, começa publicando, em 1822, com Ferdinand Denis, suas impressões da estadia em nosso país: "Le Brésil ou Historie des Mœurs, Usages et Coutumes des Habitants de ce royaume". Dedica-se, depois, principalmente ás traduções de obras célebres, tendo ido até Esopo e Anacreonte.

E' digna de nota sua habilidade no desenho, que atestam as ilustrações que fez com cênas de viagem pelos paises visitados.

DA BIBLIOTECA NACIONAL:

392 — Aclamação de D. João VI
Litografia A. 0,36 — L. 0,50.

393 — Desembarque da Princesa Real no Rio de Janeiro
Litografia A. 0,37 — L. 0,52.

394 — Passagem de S.S. M.M. e A.A. R.R. debaixo do arco na rua Direita em frente á R. Ouvidor
Litografia. A. 0,36 — L. 0,53.

ADRIEN AIME' TAUNAY

Nascido em Paris em 1803 e falecido no Brasil em 5 de janeiro de 1828. Filho e discipulo de Nicolas Antoine Taunay herdou do Pai a vocação para o desenho e o amor às viagens.

Fez parte, como desenhista da expedição Freycinet em terras e mares da Oceania. Em 1824 foi convidado para integrar a Expedição Langsdorff, tambem como desenhista. Nessa comissão encontrou a morte muito jovem ainda, falecendo aos vinte e cinco anos de idade, afogado no Rio Guaporé. São de sua autoria as pinturas murais da casa paterna na Tijuca e os quadros "Cortejo funebre de Milicestes" e o "Julgamento de Midas".

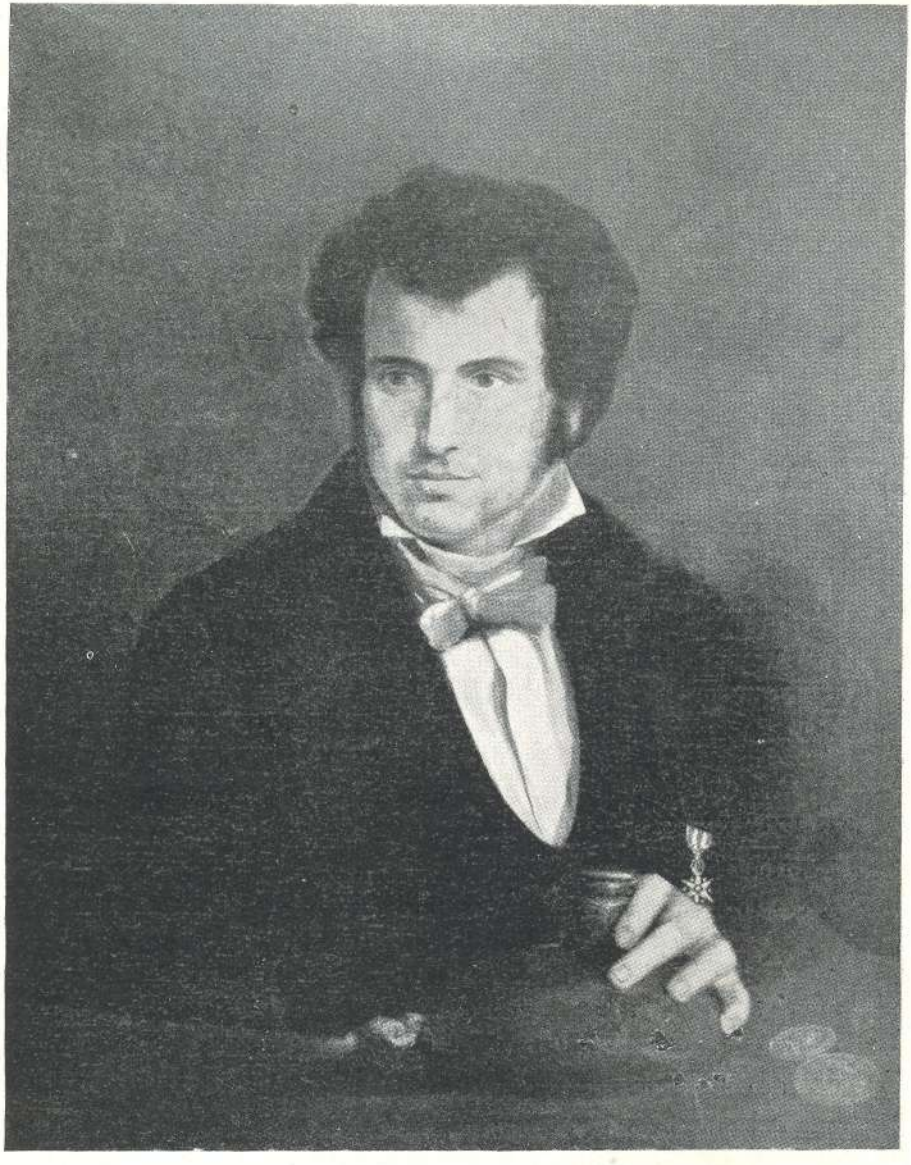
DA COLEÇÃO DR. RAYMUNDO DE CASTRO MAYA:

39 — Moradores do interior do Brasil, 1817

396 — Maneira de viajar no interior do Brasil, 1818

397 — Malhando Judas no Sabado de Aleluia, 1819

(Aquarelas originais assinado "Taunay Jeune", com o visto de Arago).



Augusto Müller. Retrato de Zepherin Ferrez. (Da coleção Julio-Gilberto Ferroz)

ZEPHERINO FERREZ

Nasceu em Saint-Laurent, no Jura Francês, em 31 de julho de 1797 e faleceu a 22 de julho de 1851, com 54 anos de idade, no Rio de Janeiro.

Em 1810 matriçulou-se na Escola de Belas Artes de Paris, havia pouco reformada por Napoleão, tendo se especialisado em escultura sob a orientação de Beauvalet e Roland.

Depois da chegada da Missão Artistica Francesa ao Rio aqui aportou com seu irmão Marc, sendo os serviços de ambos aproveitados pelo Governo de D. João VI.

Zepherino, de grande habilidade na gravura de medalhas foi encarregado de fazer a peça de coroação do Monarca e, em 1820 esse conhecimento valeu-lhe o contracto de professor dessa cadeira, no Segundo decreto de organização da Academia de Belas Artes.

Foi medalhista por excelencia: o gravador de nossas primeiras medalhas, o mestre de nossos tecnicos e o autor dos primeiros botões de fardas do Brasil Independente.

Como escultor trabalhou quasi sempre com o irmão. Pela execução do baixo-relevo representando a fidelidade de Amador Bueno de Ribeira recebeu a condecoração de Cavaleiro da Ordem de Santa Rosa.

Figura no presente certamen um retrato de Zepherino Ferrez,

bem como o da esposa dessse artista, D. Carolina Chevalier Ferrez, ambos de autoria de Augusto Müller. (Da coleção Julio e Gilberto Ferrez).

DA COLEÇÃO SRS. JULIO E GILBERTO FERREZ:

398 — Um estojo contendo:

a) Primeira medalha de Bronze (Æ), de modulo médio, cunhada no Rio de Janeiro, datada de 1820.
Anverso: Perfil á esquerda em trajes magestaticos de de S. M. D. João VI, Rei de Portugal, Brasil e Algarves, dentro da legenda latina: Ioannes VI D. G. R., Port. Bras. Et. Alg. Rey.
E entre pontos, a assinatura do gravador Z. FERREZ e a data 1820.
Reverso: Dentro de uma quirlanda de louros, encimada pela corôa real, a inscrição francesa : "Ire, médaille frappée à Rio de Janeiro presentéo à S. M. T. F. D. Joãc VI par Zepherin Ferrez, An 1820".

b) Medalha de prata (AR) de módulo médio, comemorativa da Aclamação de D. João VI.
Anverso : Perfil á esquerda, em trajes magestáticos de S. M. D. João VI, dentro da legenda latina : **"Ioannes VI D. G. U. R. Port. Bras. et Alg. Rex".**
E entre pontos a assinatura do gravador "Z. Ferrez" e a data "1820".
Reverso : Duas figuras aladas sobre seus pedestais ladeiam a escadaria de um templo pagão, cujo frontão triangular repousa sobre quatro colunas doricas. Ao centro aparece uma figura **Minerva** de capacête, coroando com a dextra o busto de D. João VI, e com a sinestra empunhando uma cornucopia transbordante, simbolo de riquesa e da abundancia. No exergo a inscrição latina : **"Ioannes. Sexto. Senatus Fluminensis. Sexto. Febr. Anni. Dom. 1818".**

c) Medalha de bronze (Æ), exemplar igual ao precedente.

399 — Um estojo contendo:

a) Medalha de prata (AR) comemorativa do casamento de S. M. I. D. Pedro II com S. A. R. D. Teresa Cristina Maria.
Anverso — Figura do Hemineu, com seus atributos, empunhando á dextra um facho inflamado, e a sinestra uma corôa de flores, circundada pela legenda latina: **"Nunquam Cœlo Terraque Acceptior".**

No exergo: **"Nuptiæ Imeratoriæ in Urbe Fluminense MDCCCXLIII".**
Reverso: Dentro do pavilhão com suas franjas, encimado pela corôa Imperial, os escudos acostados pela aliança, com as armas do Brasil Imperio, e do Reino das Duas Sicilias.

b) Medalha de bronze (Æ) comemorativa da Fundação do Instituto Historico e Geografico do Rio de Janeiro:
Anverso: Figura da historia alada, e tendo a cabeça uma corôa mural, de joelhos, que virada a direita traça sobre o mapa o numero "21", simbolo dos Estados Brasileiros encimando a legenda: **"Auspice Petro Segundo".**
No exergo: **"Pacifica Scientiæ Occupatio".**
Reverso: A inscrição latina com 6 linhas: **Institum Historico Geographicum in Urbe Fluminense Conditum Die XXI Octobris A. D. MDCCCXXXVIII.**

c) Medalha de bronze dourado.
Anverso: Perfil a esquerda, dentro da legenda: **Jozé Bonifacio de Andrade e Silva".**
No exergo: a assinatura do gravador "Z. Ferrez".
Reverso: Dentro de uma guirlanda formada por um ramo de café outro de fumo que se unem rematados por um laço e encimados por uma estrela de cinco pontas a inscrição em cinco linhas **"Independencia do Brazil 7 de Setembro de 1822".** Tudo cirvundado pela legenda "Nasceo em Santos a 13 de Junho de 1763 — Faleceo no Rio de Janeiro a 6 de Abril de 1858.

400 — Um estojo contendo:

a) Granda medalha de Bronze (Æ).
Premio fundado por S. M. I. D. Pedro II no ano de 1836.
Anverso: Perfil infantil em trajes de Côrte e virado a esquerda de S. M. I., ladeado pela legenda á esquerda á esquerda "Pedro II" e a direita "Imp. do Bras."
No exergo a assinatura do gravador "Z. Ferrez".
Reverso: Dentro de uma guirlanda formada por um ramo de café outro de fumo que se unem por um laço e encimada por uma estrela de cinco pontas, a inscrição em seis linhas "PREMIO FUNDADO POR S. M. O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO NO ANNO DE MDCCCXXXVI.

b) Medalha de ouro (Æ) de uma onça, premio da Imperial Academia de Belas Artes.
Anverso: Perfil infantil em trajes de Côrte e virado á esquerda, de S. M. I. ladeada á esquerda pela legenda: "D. Pedro II" e á direita "BRAS. IMP."
No exergo a assinatura do gravador "Z. Ferrez".
Reverso: Dentro de uma guirlanda formada por um ramo de café e outro de fumo, que se unem por laço,

e encimada por uma estrela de cinco pontas, a inscrição em cinco linhas "ACADEMIA DAS BELAS ARTES DO RIO DE IAN".
Na margem a legenda : "AO GENIO E Á APLICAÇÃO.

401 — Uma carta autografa de Zeferino Ferrez.

DA COLEÇÃO SR. FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS:

402 — Busto em gesso de D. Pedro II em 1839.

(Pertenceu ao Marquez de Olinda, sendo adquirido pelo atual proprietario no espolio de um seu descendente).

403 — Medalha de prata (AR) de modulo médio, comemorativa da Aclamação de D. João VI.

Anverso — No campo o busto á esquerda, em trajes magestaticos, na orla a legenda: IOANNES. VI. D. G. U R. PORT. BRAS. ET ALG. REX". Sob o córte, entre pontos, a assinatura do gravador "Z. FERREZ" e a data "1820".

Reverso — (Desenho de Grandjean de Montigny) Templo dedicado a Minerva, onde se vê o busto de D. João VI corôado por essa deusa.
No exergo a inscrição latina: IOANNES. SEXTO. SENATUS. FLUMINENSIS. SEXTO. FEBRI. ANNI. DOM. 1818".

404 — Medalha chamada "do ensino Mutuo" — Exemplar portatil, em ferro fundido, reprodução provavel de uma premial chamada do "Ensino Mutuo".

Anverso — Cabeça do monarca á esquerda, interrompendo a legenda da orla "Pedro I. IMPERADOR. DO. BRAS. PROT. DA. INSTRUÇÃO PUBLICA".

Reverso — Entre dois ramos de fumo e café a inscrição em fórma incusa "YPANEMA" — 1825".

405 — Medalha de Prata (AR) de modulo médio comemorativa da Inauguração da Imperial Academia de Belas Artes em 1826.

Anverso — Busto á esquerda de S. M. o Imperador D.Pedro I com o manto imperial (murça de papo de tucano).
Na orla a legenda: "PEDRO I. IMPERADOR. DO. BRASIL".
Sob o córte, entre pontos a assinatura do gravador "Z. FERREZ".

Reverso — Dentro de uma corôa de louros rematada por um laço, a inscrição latina em sete linhas: "PETRO. PRIMO BRAS. IMPERATORI PERP. DEFENSORI INAUGURATA ACADEMIA B. ARTIUM" D. MDCCCXXXVI (Este exemplar é considerado rarissimo).

406 — Grande medalha de Prata (AR) — Premio instituido pelo Imperador D. Pedro II em 1836.

Anverso — Busto infantil fardado de Almirante á esquerda, interrompendo a legenda em português, da orla: "PEDRO II. IMP. DO. BRAS."
Sob o córte a assinatura do gravador "Z. FERREZ".

Reverso — Dentro de uma corôa formada por dois ramos, um de café outro de fumo, encimada por uma estrela de cinco pontas e terminada por um laço, tem nos campos a inscrição em português em seis linhas: "PREMIO FUNDADO POR S. M. O SENHOR D. PEDRO. SEGUNDO NO ANNO DE MDCCCXXXVI".

407 — Pequena medalha de bronze (Æ) — Premio da Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Anverso — Igual ao exemplar precedente.

Reverso — Dentro de uma corôa igual a do exemplar precedente a inscrição em português em cinco linhas "ACADEMIA DAS BELLAS

ARTES DO RIO DE JANEIRO". Na orla os dizeres: "AO GENIO E A APPLICAÇÃO".

408 — Medalha premial identica à precedente em modulo menor.

409 — Medalha premial de modulo pequeno em Bronze (Æ) — Premio da Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Anverso — Busto desnudo á romana, á esquerda, tendo à cabeça uma corôa de louros rematada por um laço na nuca, do Imperador ainda moço.

Reverso — Identico aos exemplares precedentes.

410 — Medalha premial de modula menor em bronze (Æ) identica á precedente.

411 — Medalha premial de Bronze prateada, com legendas, Anverso e Reverso identicos aos exemplares acima descritos.

412 — Medalha de Prata (AR) de modulo médio, comemorativa da Fundação do Instituto Historico e Geografico do Rio de Janeiro.

Anverso — Figura feminina alada, tendo à cabeça uma corôa mural simbolisando a Historia, de joelhos e virada á direita traça sobre o mapa geografico o numero 21 relativo ás provincias Brasileiras, encimada pela legenda na orla: "AUSPICE. PETRO. SECUNDO".

No exergo "PACIFICA. SCIENTIÆ. OCCUPATIO".

Sob o córte a assinatura do gravador "Z. FERREZ".

Reverso — No campo, a inscrição latina em seis linhas: "INSTITUTUM HISTORICO GEOGRAPHICUM IN URBE FLUMINENSE CONDITUM DIE XXI OCTOBRIS A. D. MDCCCXXXVIII".

413 — Medalha de Prata (AR) de modulo grande, comemorativa do casamento de S. M. I. D. Pedro II com S. A. R. D. Teresa Cristina Maria.

Anverso — A figura do Himeneu com seus atributos, empunha á dextra um facho inflamado e á sinistra uma corôa de flores, circundado pela latina: "NUNQUAM CŒLO TERRA QUE ACCEPTIOR".

Reverso — No campo, dentro do pavilhão com suas franjas encimado pela corôa Imperial, os escudos acostados pela aliança, com as armas do Brasil Imperio e as do Reino das Duas Sicilias.

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

414 — Medalhão de bronze da autoria do gravador ZEPHIRIN FERREZ.

Anverso — Perfil á esquerda de S. M. R. D. João VI, em trajes magestaticos, tendo ao pescoço o colar da "Ordem do Tosão de Ouro", dentro da legenda "IOANNES VI. D. G. U. R. PORT. BRAS. ET ALG. REX".
E a assinatura do gravador "ZEPHIRIN FERREZ e a data 1820".

Reverso — Sobre os primeiros degraus de uma escadaria, ladeada por duas figuras aladas de um templo pagão, cujo frontão triangular repousa sobre quatro colunas doricas, a figura de Minerva, corôa com a dextra o busto de uma e com a sinistra empunha uma cornucopia, simbolo de riquesa e de abundancia.
No exergo a inscrição latina: "IOANNES. SEXTO. SENATUS FLUMINENSIS. SEXTO. FEBR. ANNI. DOM. 1818".

415 — Ensaio para as moedas comemorativas de D. Pedro I. Perfil do Monarca a esquerda em trajes magestaticos

dentro da legenda em português Pedro I IMPERADOR. CONSTITU. DO BRAS.
E a assinatura do gravador entre pontos. — Mais a letra "F" que significa "Fecit" — isto é, "Fez, ou Gravou".

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

416 — Busto de D. Pedro II (Bronze).

417 — Medalha Civil Premial — em bronze (Æ) de modulo grande.

Anverso — Busto infantil fardado de Almirante á esquerda, interceptando a legenda na orla: "PEDRO II. IMP. DO BR."
Sob o córte, entre pontos a assinatura do gravador "Z. FERREZ".

Reverso — Dentro de uma corôa de um ramo de café e outro de fumo rematados por um laço, envolvendo no campo a inscrição em seis linhas: PREMIO FUNDADO POR S. M. O SENHOR D. PERO SEGUNDO NO ANNO DE MDCCCXXXVI.

418 — Medalha Civil Comemorativa, em bronze (Æ) de modulo médio, da Fundação do Instituto Historico e Geografico do Rio de Janeiro.

Anverso — Figura feminina alada, tendo á cabeça uma corôa mural simbolisando a Historia, de joelhos e virada á direita traça sobre o mapa geografico o numero 21 relativo ás provincias brasileiras, encimada pela legenda na orla: "AUSPICE. PETRO SEGUNDO". No exergo "PACIFICA. SCIENTIÆ OCCUPATIO".
Sob o córte a assinatura do gravador "Z. FERREZ".

Reverso — No campo a inscrição latina em seis linhas:

"INSTITUTUM HISTORICO GEOGRAPHI-
CUM IN URBE FLUMINENSE CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS A. D. MDCCCXXXVIII".

MARC FERREZ

Nasceu em 14 de setembro de 1788, em Saint-Laurent, no Jura, e faleceu a 31 de Março de 1850, no Rio de Janeiro.

Em 1809 entrava para a Escola de Belas Artes de Paris, tendo, da mesma fórma que Zepherino, se especialisado em escultura com Beauvalet e, mais tarde, com Roland, do Instituto de França.

Vindo para o Brasil juntamente com o irmão aqui ficou para o resto da vida.

Trabalhou muito com Zepherino, destacando-se o berço em madeira esculpida que ofereceram a D. João VI em 1818, por ocasião do nascimento da Princesa Maria da Gloria. Executou muito motivos ornamentais na Academia de Belas Artes, bem como as estatuas de Apolo e Minerva.

Em 1820 foi contratado Professor de escultura da Imperial Academia de Belas Artes e nesse ramo muito produziu até sua morte, com 62 anos de idade.

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES:

419 — Busto de Pedro I (bronze)

CHARLES SIMON PRADIER

Nasceu em Genebra em 1786 e faleceu em Paris em 1848. Com o consentimento da familia muito jovem seu pendor artistico levou-o á capital francesa onde, decidindo-se pela gravura, teve por mestre Augusto Boucher, Barão Desnoyers.

Em 1812 concorreu pela primeira vez ao "Salon". Inspirou-se muito nas obras de François Gérard.

Em 1816 chegou ao Brasil como gravador oficial da Missão Francesa. Em dois anos porém já estava de volta, sob o pretexto de falta de material para imprimir duas de suas gravuras, segundo original de Debret: "Retrato de D. João VI" e "Chegada ao Rio de Janeiro da Arquiduquesa Leopoldina".

Apesar de ter obtido d'El-Rei, licença para lá permanecer até a conclusão desses trabalhos, com vencimentos integrais, não mais voltou ao Brasil, tendo, por isso, sido desligado em 1820, na organização da Academia.

Estabelecendo-se em Paris, continuou sua vida artistica gravando trabalhos dos maiores artistas da época.

DA BIBLIOTECA NACIONAL:

420 — D. João VI em trajes magestaticos (gravura)

421 — D. Pedro (gravura)

422 — D. Leopoldina (gravura)

423 — Panorama do Rio de Janeiro, gravura feita da tela de Ronmy, executada por desenhos de Felix Emile Taunay

MOBILIARIO E OBJETOS DE ADORNO DA ÉPOCA:

DA COLEÇÃO DR. DJALMA DA FONSECA HERMES:

424 — Quatro cadeiras de jacarandá

425 — Dois Bancos de jacarandá

426 — Uma mesa cantoneira de jacarandá

427 — Duas mesas para encostar de jacarandá

428 — Uma vitrine de jacarandá

429 — Uma bacia de jacarandá (para barbeiro ambulante)

430 — Uma urna de madeira com corôa Imperial

431 — Um potiche de porcelana com corôa Imperial

432 — Cinco pratos do serviço de D. João VI

433 — Um prato — "El Principe Regente Del Portugal y del Porasil"

434 — Tres copos — D. Maria — D. João VI — D. Pedro I

435 — Seis suspensorios de prata

436 — Duas chicaras — um pires, uma mantegueira da India (do serviço de D. João VI)

437 — Uma estante para leitura que pertenceu à Imperatriz D. Amelia

438 — Uma tabaqueira de tartaruga com as efigies de D. João VI e D. Carlota Joaquina.

439 — Uma joia em esmalte, retrato D. Pedro I

440 — Um relogio (estilo Imperio) com estatua de D. Pedro I.

441 — Uma maçaneta que pertenceu à antiga Fazenda Real de Santa Cruz em que aparecem as armas da dinastia de Bragança.
Descrição heraldica: Sobre o fundo de ouro (jalde), o escudo barroco fantasioso, em campo vermelho (goles) sete castelos de ouro (jalde). Ao centro, em coração, em fundo de prata, as cinco quinas. Ladeando-o, dois "grifos", caracteristicos da dinastia, e tudo encimado pela corôa Real de Ouro forrada de purpura.

442 — Uma maçaneta do Paço Imperial de São Cristovão — com as Armas do Imperio Brasileiro.
Descrição heraldica: Sobre o fundo de ouro o escudo inglês em verde (sinopla) a esfera armilar de ouro (jalde) sobre a Cruz da Ordem de Cristo, dentro de uma orla azul (blau) em que aparecem vinte e uma estrelas de prata. Ladeando-o, um ramo de café e outro de fumo, rematados por um pequeno laço. Tudo encimado pela Corôa Imperial de Ouro forrada de purpura.

443 — Uma maçaneta do Paço Imperial de São Cristovão — Exemplar igual ao precedente, tendo porém as Armas Imperiais meio apagadas.

DA COLEÇÃO DR. CARLOS GUINLE:

444 — Uma liteira (seculo XVIII)

DA COLEÇÃO D. LAURINDA SANTOS LOBO:

445 — Uma porta de liteira

DO MUSEU HISTORICO NACIONAL:

446 — Uma cadeirinha de arruar de 1750 (com serpentinas, para ser carregada a braços de escravos, doação Rodolfo Siqueira).

447 — Uma liteira do Barão de Suassuhy, de 1854, puxada á tração animal.

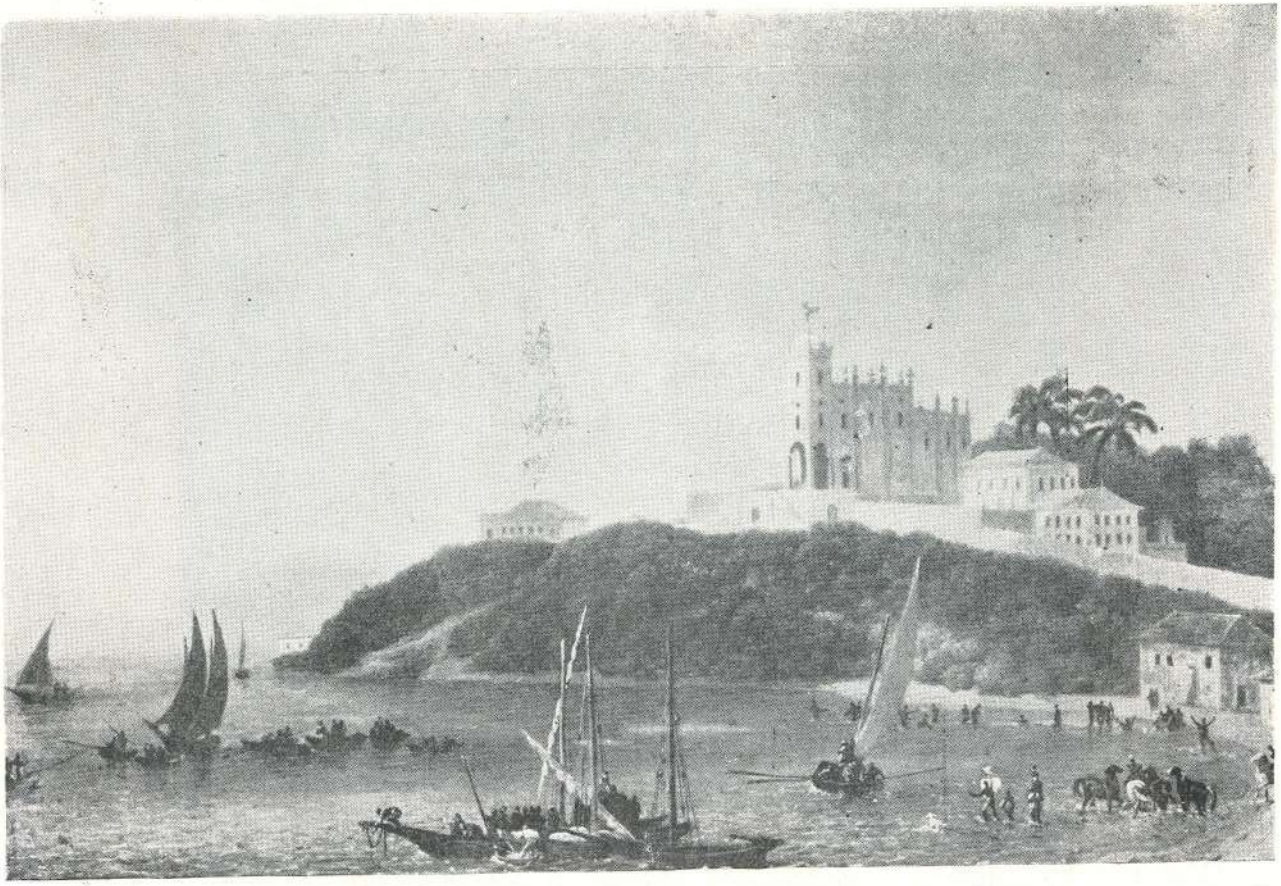
DO LICEU DE ARTES E OFICIOS:

448 — Uma cadeirinha de uso diario dos Senadores do Imperio — Sec. XIX (Doação do Sr. Joaquim da Silva Cardoso).

449 — Uma cadeirinha dourada de Minas Gerais — Sec. XVIII (Doação F. Guerra Duval).

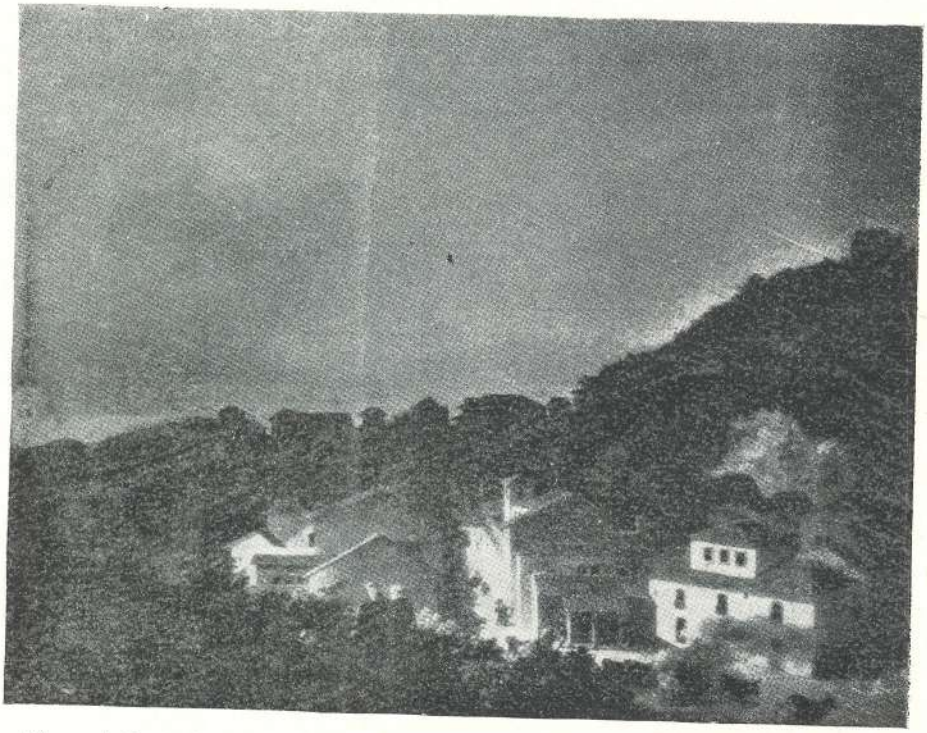
INDICE DE AUTORES:

	Pag.
Nicolas Antoine Taunay	27
Jean Baptiste Debret	33
Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny	61
Felix Emile Taunay	67
Auguste Marie Taunay	71
Thomás Marie Hippolyte Taunay	73
Adrien Aimé Taunay	74
Zepherino Ferrez	77
Marc Ferrez	86
Charles Simon Pradier	87

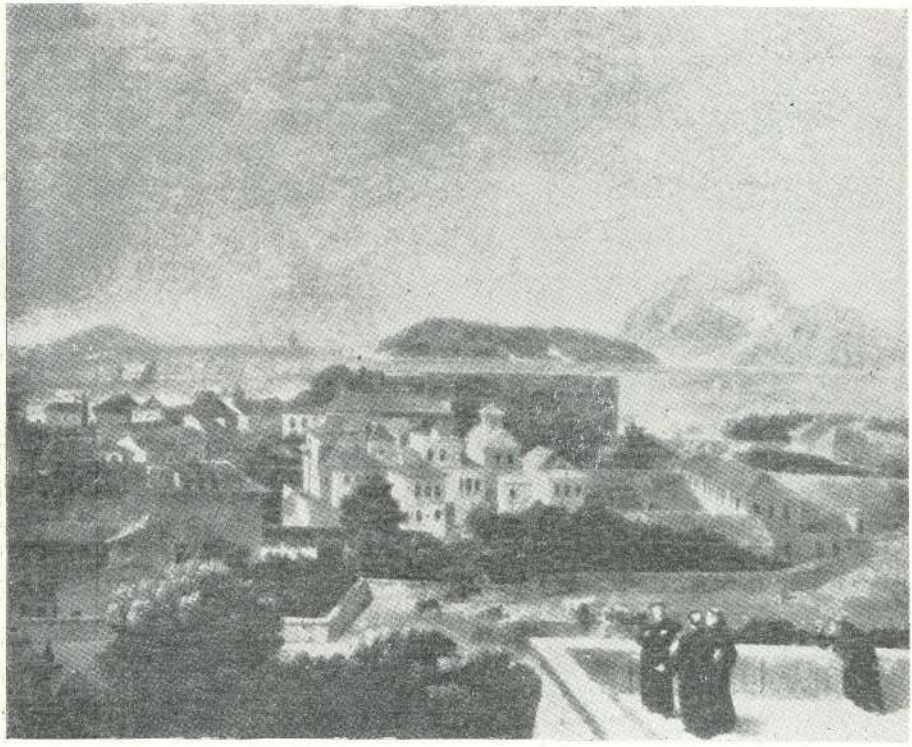


Outeiro da Gloria — Nicolas Taunay. (Da coleção Djalma Fonseca Hermes)

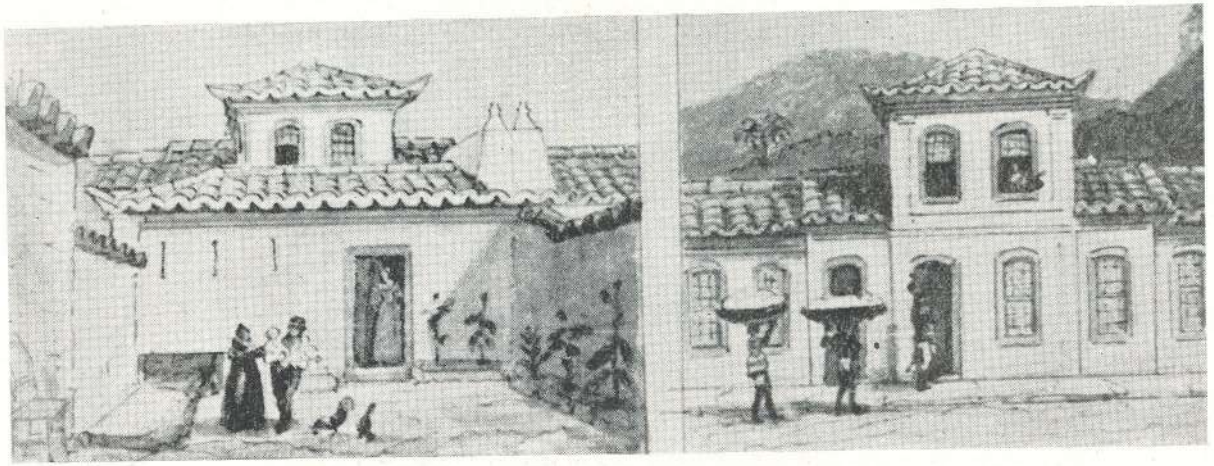
Composição N. A. Taunay. (Da coleção Laurinda Santos Lobo)



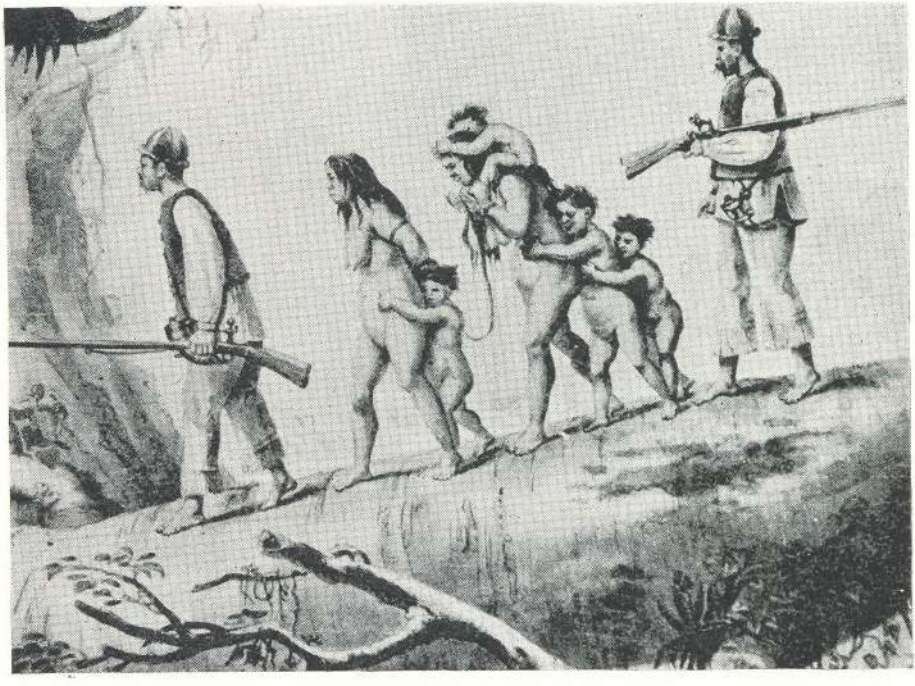
Morro de Santo Antonio — Nicolas Antoine Taunay. (Do Museu Nacional de Belas Artes)



Largo da Carioca em 1816 — Nicolas Antoine Taunay. (Do Museu Nacional de Belas Artes)



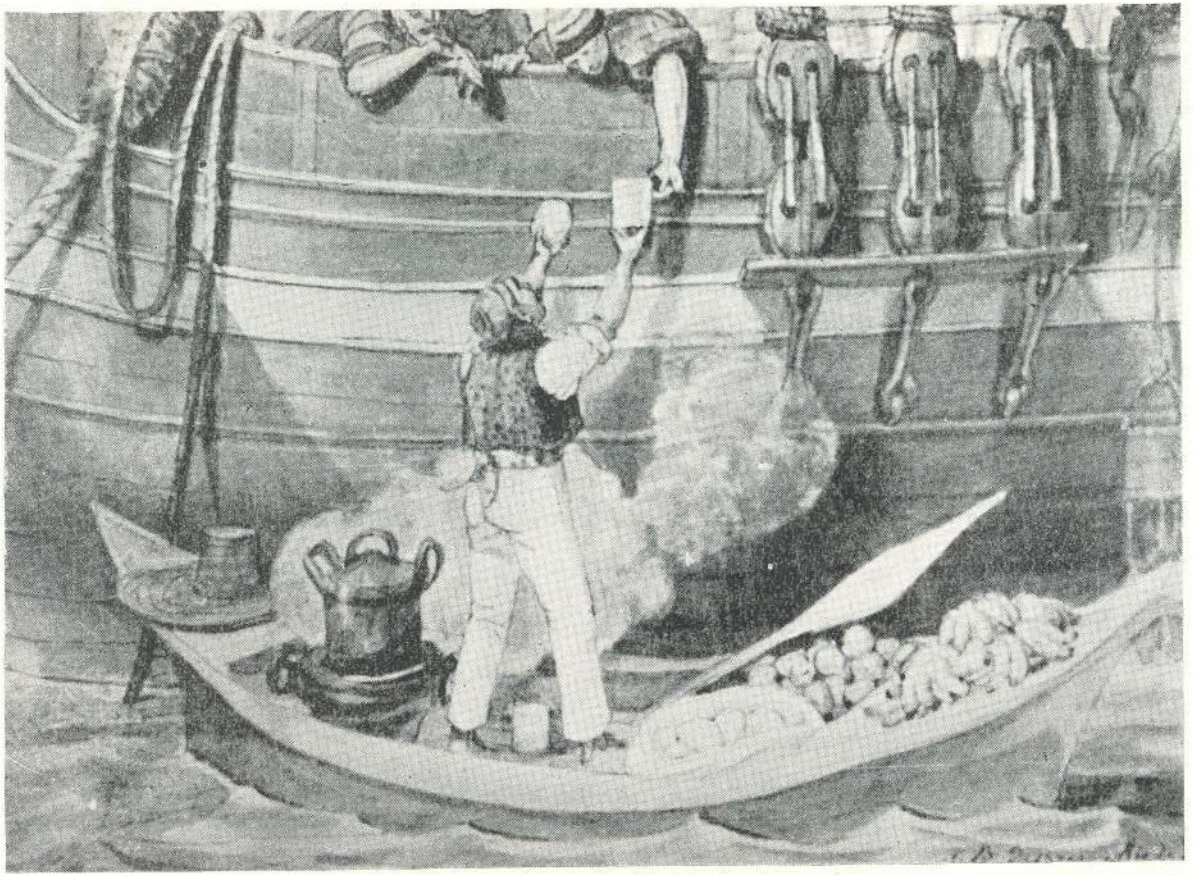
A residencia de Debret em Catumbi. — Debret — (Da coleção Raymundo Castro Maya)



Indios-soldados, escoltando selvagens — Debret. (Da coleção Raymundo Castro Maya)

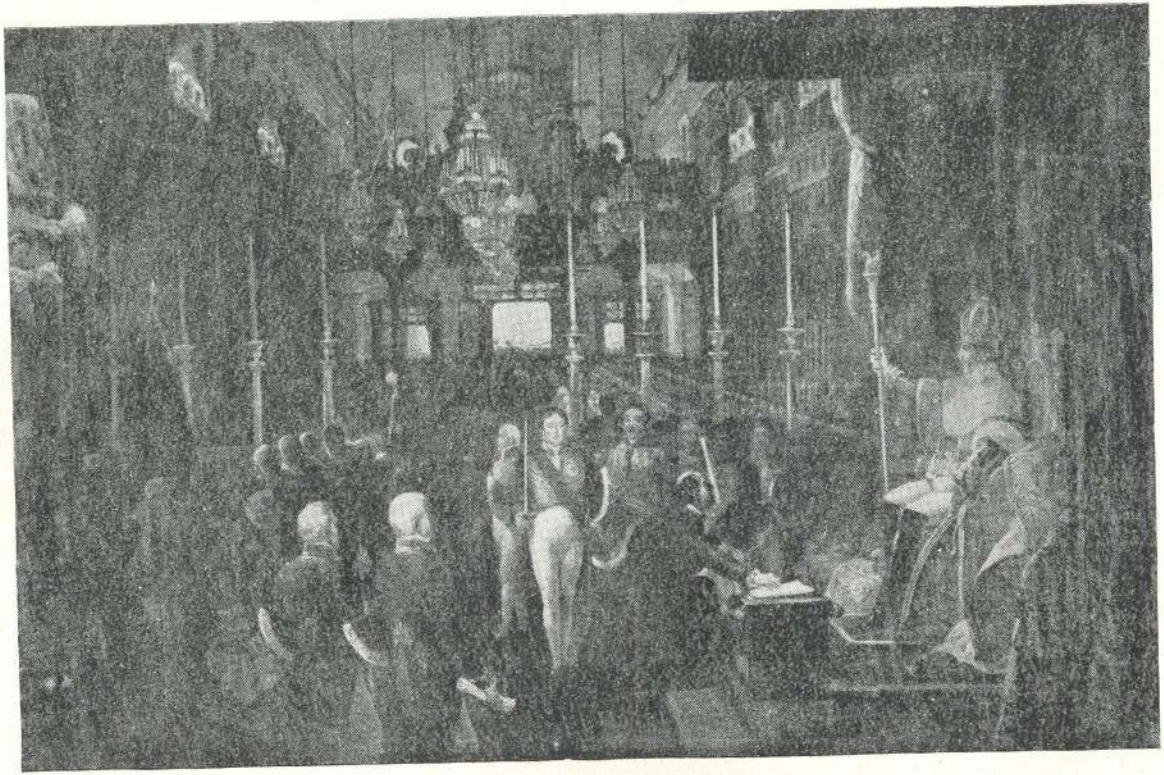
Baiana velha — Debret. (Da coleção Raymundo Castro Maya)

Transporte de Café — Debret. (Da coleção Raymundo Castro Maya)

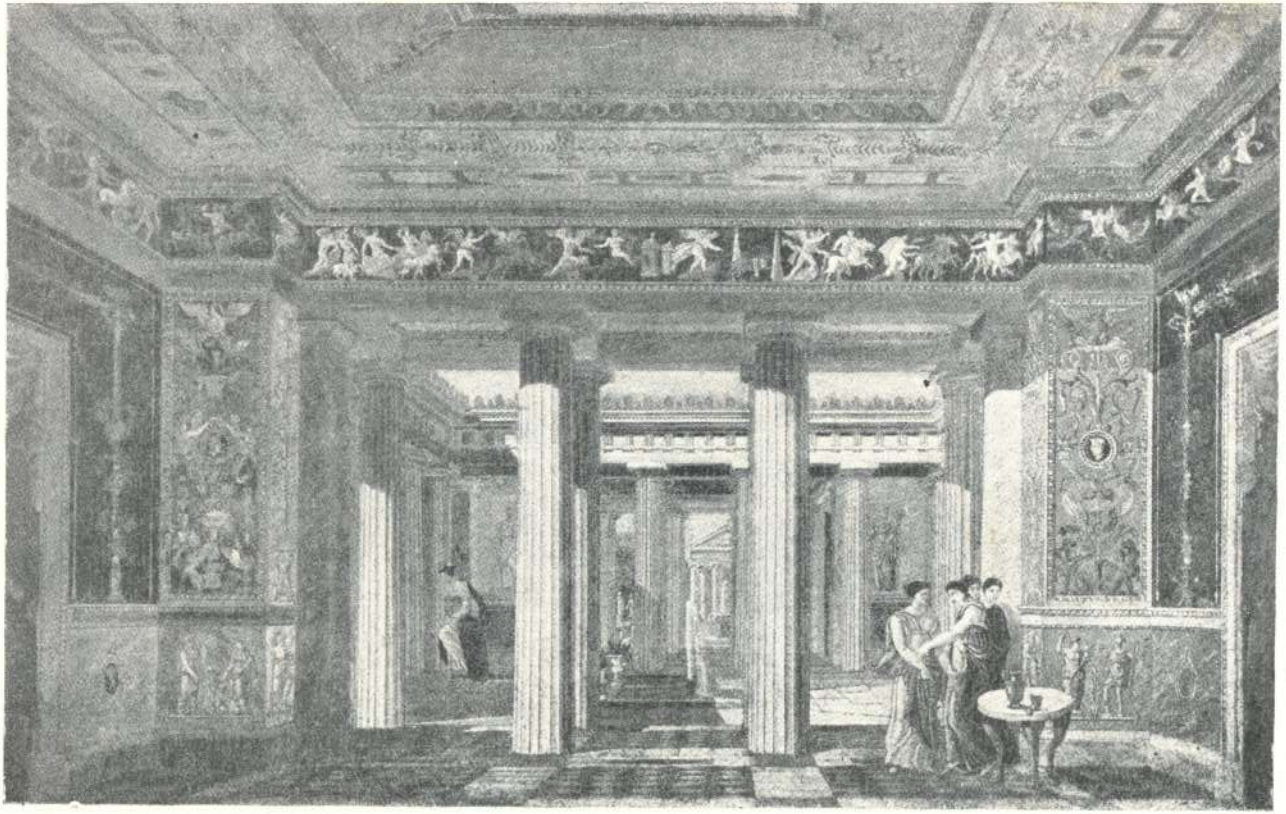


Quitandeiro maritimo — Debret. (Da coleção Raymundo Castro Maya)

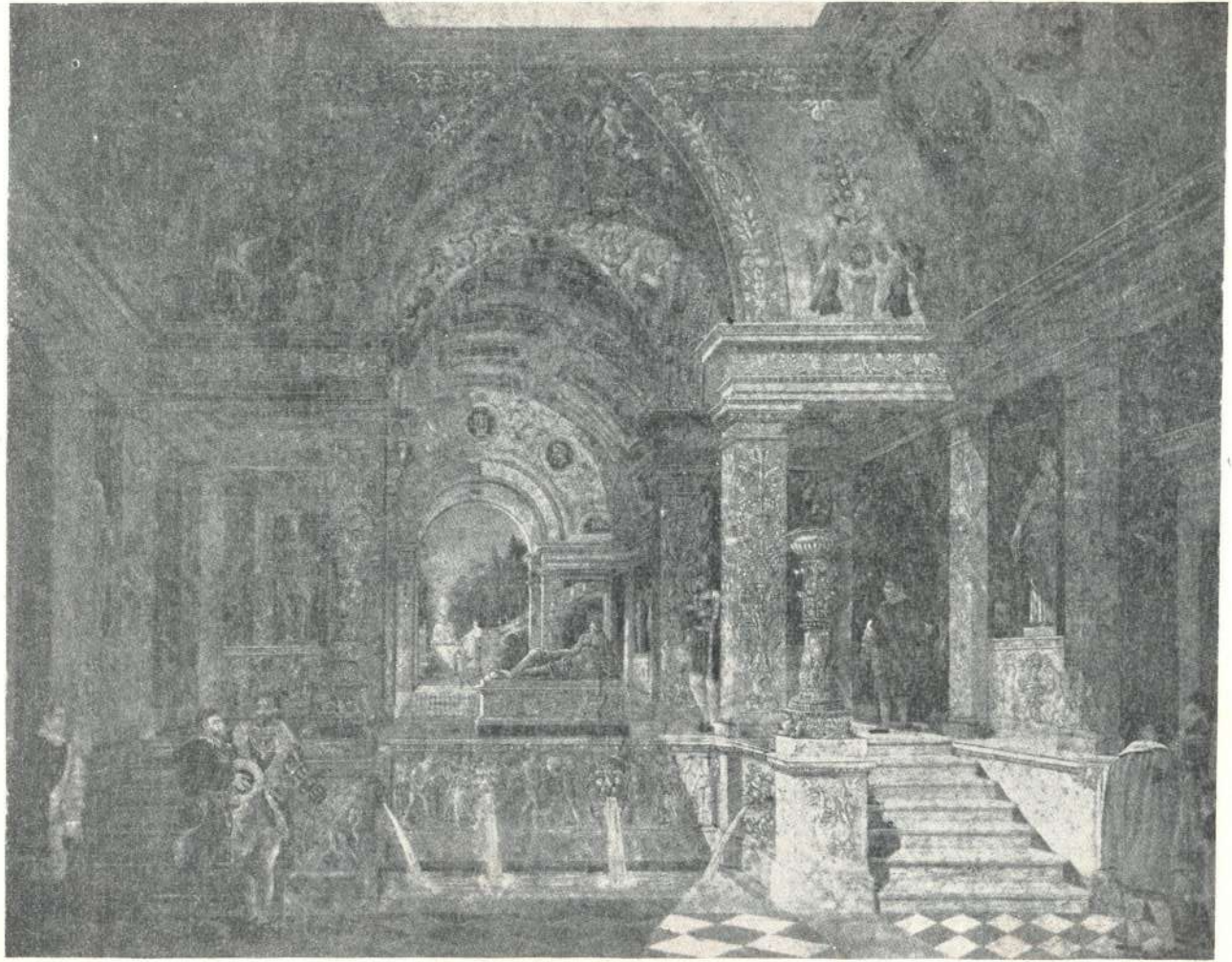
Primeiras manifestações guerreiras — Debret. (Da coleção Raymundo Castro Maya)



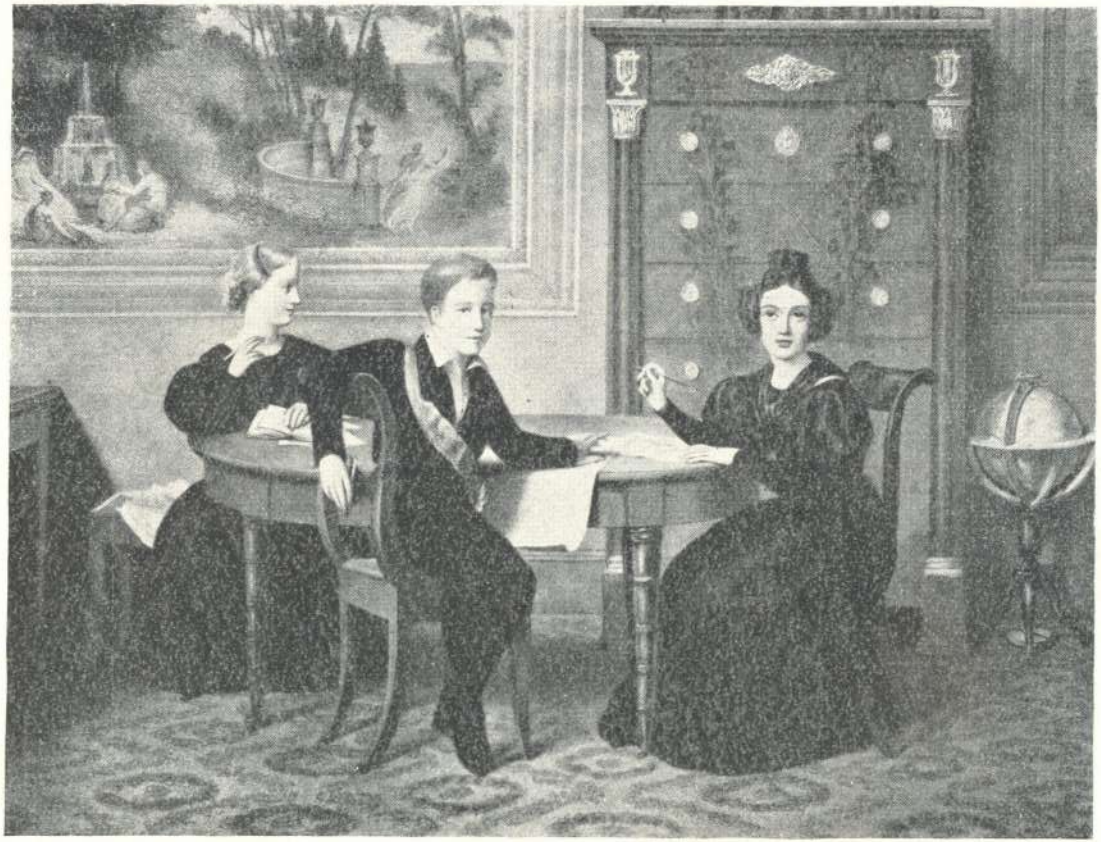
Debret (Jean Baptiste) — Coroação de D. Pedro I. (Do Museu Nacional de Belas Artes)



Area romana — Grandjean de Montigny. (Da coleção Marques dos Santos)



Loggia rafaelesca — Grandjean de Montigny. (Da coleção Marquez dos Santos)



D. Pedro II, D.ª Januaria, D.ª Francisca — Felix Taunay (gravura). (Da ccleção Djalma Fonseca Hermes)

Hippolyte Taunay. — Passagem de S.S. M.M. e A.A. I.I. debaixo do arco da rua Direita, em frente a rua do Ouvidor. (Da Bibliotéca Nacional)

I liteira com serpentinas. (Do Musêu Histórico Nacional)